

# AGORA

FENAE

# PARA ONDE VAI A CAIXA?

As perdas dos  
fundos de pensão

Masp: um museu de  
Primeiro Mundo

CAIXA

# XIV CONECEF

Congresso Nacional dos Empregados da Caixa

A nighttime photograph of a city street, likely in São Paulo, Brazil. The street is filled with light trails from cars and buses, creating a sense of motion. Tall buildings line the street, some with lit windows. A full moon is visible in the dark sky. The overall scene is a vibrant urban landscape at night.

Congresso  
reforça  
unidade  
dos  
empregados  
da  
Caixa



**Capa:**  
As incertezas quanto  
ao futuro da Caixa  
**Pág.8**

# AGORA FENAE

- 7 Janio de Freitas comenta a falta de candidatos
- 18 A perda dos fundos de pensão, por Aloysio Biondi
- 19 As complicadas campanhas salariais deste semestre
- 23 Saiu o CD do VI FENEC
- 24 A FENAE Seguros comemora seus 25 anos
- 27 O futebol de mesa sobrevive
- 28 Masp: um museu de Primeiro Mundo
- 32 Tárík de Souza mostra as novas caras do protesto
- 33 As belezas da ilha do Mel
- 36 Entulhos poluem as grandes cidades



Mercosul social -  
Navegantes - **pág. 5**



Berta Lutz:  
uma médica  
à frente da  
emancipação  
da mulher,  
**Pág. 22**

#### Administração e redação:

Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,  
6º andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901  
Telefone: (061) 323-7516  
Fax: (061) 325-6057  
Telex: (061) STM400 - Caixa Postal 33794  
Homepage: www.fenae.org.br  
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br  
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br

#### Diretoria Executiva

Presidente:  
Carlos Caser  
Vice-Presidente:  
José Francisco Zimmermann  
Diretor Financeiro:  
Carlos Borges  
Diretor de Relações no Trabalho:  
João Alberto Garcia Moschkovich  
Diretor Administrativo:  
Admilson dos Santos Canuto  
Diretor de Esportes:  
Jorge Cruz Marçal  
Diretor Cultural:  
Emanoel Souza de Jesus  
Suplente: José Durval Fernandes Reis

#### Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto  
Jesus Rodrigues Alves  
Cláudio Pimentel Corrêa.

#### Suplentes:

Danilo Aguilar Ferreira  
Bernadete Santos de Aquino

#### Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos  
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora N. de Almeida  
Secretário: Fernando de Mello

**Editor:** Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

**Redação:** Antônio José, Evandro Peixoto e  
Marcio Sardi

**Colaboradores:** Janio de Freitas, Aloysio Biondi,  
Tárik de Souza, José Trajano e Adacir Reis

**Diagramação:** Hélder Narde

**Ilustração:** Lisarb

**Impressão:** Bangraf

Tiragem desta edição (75 mil exemplares)  
comprovada por Price Waterhouse,  
cuja carta-relatório encontra-se em nosso poder

Os artigos assinados são de  
responsabilidade dos seus autores

**Distribuição gratuita**

## Indefinição ou estratégia?

**I**ndefinição. Esta é a palavra-chave que caracteriza o futuro da Caixa. Se isso é motivado por falta de clareza do atual governo, pelo fisiologismo político (tal qual o utilizado na reforma da Previdência) ou por uma proposital dissimulação, é difícil dizer, pois a direção da Caixa não dialoga com a sociedade, muito menos com seu corpo funcional. Sofre do mesmo mal do presidente da República: autossuficiência em demasia.

Propostas de descentralização do FGTS e da entrada dos Correios na prestação de serviços bancários - o chamado Banco Postal -, associação com as lotéricas para recebimento de contas, esvaziamento da área comercial, redução do número de agências e do quadro de pessoal... as tendências não são nada alvissareiras.

Diante dessas preocupações, a reportagem da FENAE AGORA ouviu deputados, técnicos e liderança do movimento dos empregados. A direção da empresa, infelizmente, recusou-se a pronunciar-se. Sérgio Cutolo e seus diretores esquivaram-se nas inúmeras vezes que foram procurados. Isso nos leva à indagação: foi por medo de discordar do governo federal ou por estar planejando medidas prejudiciais à empresa e aos seus empregados?

Enquanto pairam essas dúvidas, trabalhadores em campanha salarial se organizam para o embate com o governo federal, previsto para este segundo semestre. Bancários, petroleiros, metalúrgicos, funcionários dos Correios e outras categorias têm pela

frente difíceis negociações. A irreduzibilidade do governo diante das reivindicações dos trabalhadores e a flexibilização das relações trabalhistas são obstáculos a serem ultrapassados.

Felizmente ainda existem iniciativas em nosso país favoráveis à cidadania. É o caso do Masp - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Com 51 anos de existência guarda um acervo em nível de Primeiro Mundo: obras de Renoir, Degas, Monet, Manet, Cézanne, Delacroix, Van Gogh, Rembrandt e outros. Suas exposições tam-

bém disseminam o melhor da cultura. Nos meses passado, as pinturas e esculturas de Salvador Dalí e algumas obras de Caravaggio e seus "seguidores" levaram imenso público ao Masp.

Os empregados da Caixa, por sua vez, também fazem

arte. Nesta edição divulgamos o lançamento do CD do VI Fenec, que contém as músicas dos 12 finalistas do Festival de Música realizado pela FENAE e APCEFs em março deste ano.

Como sempre há espaço para o lúdico, procuramos os aficionados pelo futebol de mesa, o tradicional jogo de botão. Em sua maioria são pessoas de 20 a 40 anos, que dedicam parte do seu final de semana para voltar à infância e esquecer as preocupações do dia-a-dia.

Um bom programa para fugir do estresse, para aqueles que podem, é buscar um refúgio tranquilo. A ilha do Mel, no Paraná, oferece belas praias, trilhas e construções históricas que levam os visitantes a acreditarem nas lendas sobre sereias, que até hoje persistem na ilha. 

As tendências  
para a CEF  
não são  
alvissareiras





## Mercosul social

O trabalho é praticamente ignorado nas discussões para implementação do Mercosul.

A famosa reunião de Ouro Preto, que no final de 94 definiu a união aduaneira entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, além de uma zona de livre comércio, não produziu uma linha sequer sobre relações trabalhistas, emprego e seguridade social. O endereço eletrônico [icd.ax.apc.org/informes/atila5.html](http://icd.ax.apc.org/informes/atila5.html) conta toda a história da área social no Mercosul, em artigo de Atila Roque.



## Pencas de vírus

Os mais pessimistas contam que quatro novos tipos de vírus nascem todo dia na Internet. São poucos os programas antivírus que conseguem acompanhar a evolução da maldade na rede. É preciso ter cuidado quando algum arquivo é baixado da Internet, principalmente textos em formato .doc, arquivos compactados e joguinhos. Mas pelo menos por enquanto não se pega vírus lendo e-mail ou navegando na rede.

## Loucos no ar

De janeiro a outubro de 97, dois brasileiros por adoção voaram entre os pontos extremos do continente americano. O inglês Gérard e a queniana Margi, que se casaram no Brasil, deram a volta ao mundo como "treino" para esta aventura. Depois, conheceram pelo ar o cabo Froward (Chile), cabo Príncipe de Gales (Alasca), a península de Boothia (Canadá) e a Ponta do Seixas (Brasil). O casal narra suas proezas em [extremoss.com.br](http://extremoss.com.br).

## Verdes tranquilos

Os ecologicamente corretos compram apenas produtos com o selo verde do Forest Stewardship Council (FSC), ou Conselho de Manejo Florestal. Em [www.wwf.org.br/fsc](http://www.wwf.org.br/fsc), o Fundo Mundial para a Natureza (World Wide Found for Nature, WWF) explica o que é o selo verde - certificado que comprova a origem dos produtos fabricados com matérias extraídas da floresta.

## Nossa língua

O tupinambá chegou a suplantar o português como a língua mais falada no Brasil durante o período de colonização. Era a chamada língua geral, que acabou proibida por decreto real em 1757. Hoje, sem saber, falamos várias palavras em tupinambá, como abacaxi, mandioca e piranha. O endereço [www.leca.ufrn.br](http://www.leca.ufrn.br) apresenta a história da linguagem nacional.



## Dos LEITORES

### Dúvida

*Tomei conhecimento da revista FENAE AGORA através de um amigo empregado da Caixa Econômica Federal. A publicação é muito bem feita e merece elogios.*

*Entretanto, fiquei em dúvida quanto à afirmativa (contida no exemplar n° seis) de que o atual estado de Rondônia, antigo território de Guaporé, tenha sido da Bolívia. Ao que me consta foi o Acre o pedaço da Bolívia que se incorporou ao Brasil em função da presença dos seringueiros brasileiros.*

Roldão Simas Filho  
Brasília (DF)

**NR** - O leitor tem razão. O ciclo da borracha provocou a incorporação do Acre e de outras áreas pertencentes ao Peru (e, em seguida, à Bolívia), incluindo ainda parte de Rondônia. No entanto, no acordo em que o Acre foi cedido pela Bolívia ao Brasil, a participação de Rondônia restringe-se à franquia da navegação pelo Rio Madeira aos bolivianos, além da construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

### Aposentados

*Parabenizo a diretoria da FENAE e seus colaboradores pela revista FENAE AGORA: bons artigos, excelente papel, diagramação pafeita etc. Tenho certeza que dentro de pouco tempo teremos uma concorrente às revistas semelhantes que vemos em nossas bancas de jornais (Veja, IstoÉ, Época, Exame...).*

*Comecei a ler a revista ávida para encontrar um artigo que falasse sobre a saga do economista aposentado. A cada página que virava minha desolação aumentava e, ao chegar ao fim da publicação, tive certeza do que ouvia por aí: "aposentado da Caixa não é mais economista".*

*Espero que vocês aperfeiçoem cada vez mais sua revista, pois na vida só temos dois lados: um é o meu aposentado, sem ter um pingão de consideração por parte da pessoa da ativa, e o outro é o de vocês, que estão na ativa e, pelo que estou vendo (atual política da CEF), nunca poderão sair dessa posição.*

Ana Maria de Souza  
Rio de Janeiro (RJ)

**NR** - O objetivo da revista é debater e fortalecer a cidadania de todos os brasileiros: trabalhadores, aposentados, donas de casa, jovens etc. Esperamos intensificar a consciência de que somente lutando juntos pelos direitos de todos, poderemos alcançar a verdadeira cidadania

### E-mail

*Um e-mail curto, direto e coletivo chegou à redação da FENAE AGORA com a seguinte mensagem: "Gostaríamos muito de receber essa revista que é ótima e também parece ser muito instrutiva.*

Maurício Almeida de Assis Filho, Eva Dias da Silva, Antonio Colaço Neto Segundo, Paulo Sérgio Feitosa e Claudiane Félix Diniz  
João Pessoa (PB)

### Faraó

*Tendo em vista notinha publicada na revista FENAE AGORA (seção "Navegantes"), sob o título "Faraó revisitado", e relacionada à menção que é feita sobre "sites interessantes para escolher" na Internet, informo o endereço de uma página brasileira sobre o Egito antigo, sob nossa responsabilidade, e que traz um breve história da descoberta da tumba do chamado "faraó menino". O endereço é o seguinte:*

*<http://www.nitnet.com.br/~mareio>. No menu do site há uma opção chamada "A maravilhosa descoberta da tumba de Tut-Anfih-Amon".*

Márcio Luiz Ramos D'Albuquerque  
E-mail

### Navegantes

*A revista faz um belo trabalho na página "Navegantes", dedicada aos internautas. Mas é freqüente a descrição de um site, sem seu URL. No exemplar que recebi, o redator fala que há 225 endereços sobre Vera Fischer. Parece até que ele ficou com todos, não é? Diga-me o endereço. Eu também quero ver Vera. Valeu, colega redator? Eu tenho um site sobre Jovem Guarda, Beatles, arquivos, midi, bossa nova, Tropicália, que tem a colaboração de outro empregado da Caixa Econômica Federal (Fernando de Freitas*

*Duarte). Aonde??? Aqui:*

*<http://members.tripod.com/~jeb/>  
<<http://members.tripod.com/~jeb/>>.*

*Parabéns pelo layout da página "Navegantes". Tirando a falta de alguns URLs, a revista tem nota 10.*

João Eli Barile Leal  
Paraíba do Sul (RJ)

### Desejo

*Através de um amigo, conheci a revista FENAE AGORA. Se possível, gostaria de receber a publicação. Favor informar-me ainda como proceder para efetuar pagamento de despesas e assinatura da revista, para, enfim, poder recebê-la.*

Paulo Siqueira  
Piumhi (MG)

### Comunicado

*Venho por meio deste ofício comunicar que, através de amigos, tomei conhecimento da publicação feita por esta federação: FENAE AGORA. Solicito, se possível, ser incluído entre os que têm a honra de receber regularmente a publicação. Interessei-me pela revista devido à importância dos temas tratados.*

Ildo da Silva Gobbo  
Ijuí (RS)

**NR** - Com freqüência, o que muito nos agrada, temos recebido inúmeras correspondências Brasil a fora com pedidos de envio da revista FENAE AGORA. Na medida do possível, nossa intenção é atender a todas as solicitações, mas os problemas de custos nos impedem de fazê-lo com a regularidade que gostaríamos.

■ A seção "Dos Leitores" é o espaço de opinião do leitor. FENAE AGORA se reserva o direito de resumir as cartas, sem prejuízo do conteúdo. As correspondências devem ser identificadas (assinatura e endereço).

Imprens@fena.org.br 

# O velho refrão

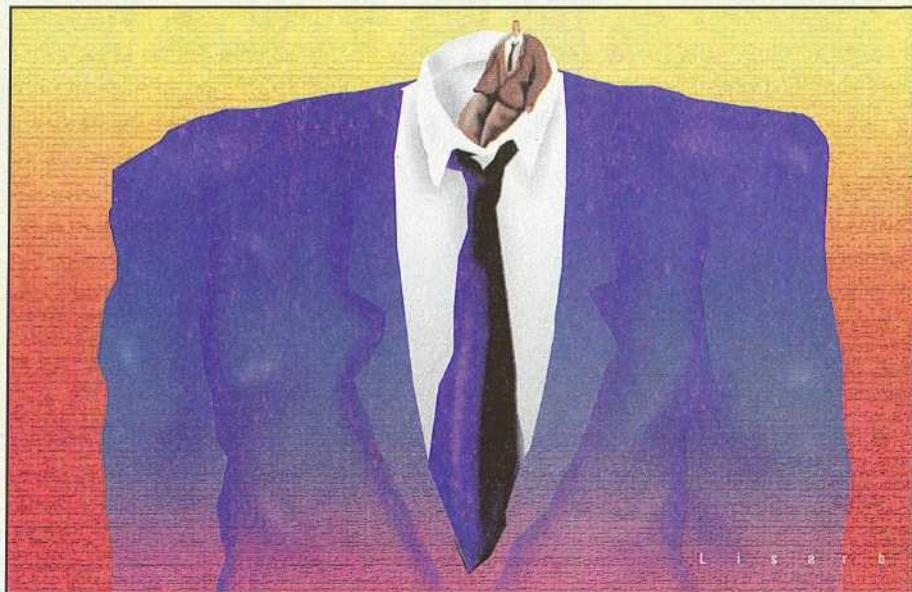
■ Janio de Freitas

**U**ma novidade inesperada, pelo país afora: houve mais vagas para candidatos, nos partidos, do que pretendentes à candidatura para deputado. Não há, ao menos por ora, explicação convincente para a repentina escassez do que foi sempre abundante demais. Os efeitos, porém, não prometem boa coisa.

Tudo confirma e nada tenta negar que a ainda atual composição do Congresso foi a pior, em todos os sentidos, de quantas houve nos períodos ditos de liberdades democráticas. Nem seria difícil sustentar que a atual composição do Congresso chega a ser pior até do que as existentes no regime militar, porque agora houve a possibilidade de menor aviltamento da atividade parlamentar. O Congresso, particularmente a Câmara, ficou só na possibilidade.

Feita a ressalva merecida por qualquer previsão, a perspectiva para o próximo Congresso é de que mantenha nível tão baixo quanto o atual. Isso, na melhor hipótese. Porque o baixo interesse por candidatar-se estaria indicando que só o farão os já amarrados à vida política, que levariam para o Congresso o mesmo que já lhe deram de bom ou ruim, e grande número de novas presenças resultantes de maus motivos para candidatar-se.

Por quase toda parte, o número de pessoas aparentemente bem inten-



cionadas, entre os candidatos novatos, é considerado muito menor que o dos novos oportunistas. Só poderia ser assim, aliás, em um quadro pré-eleitoral em que até o partido do próprio presidente da República, o PSDB tão mantido a sebo, vende direito de candidatar-se por sua sigla e cobra até a inclusão no programa eleitoral que a lei diz ser gratuito.

A chave do regime democrático, mesmo que apenas parcialmente democrático, como o brasileiro, está no Congresso. Executivo e Judiciário têm que trilhar, sem alternativa, o caminho legal e administrativo que o Congresso delimita. Daí que a subserviência da Câmara e do Senado, nos últimos quatro anos, significa um retrocesso na já

insuficiente democracia brasileira. E o provável agravamento da má qualidade do Congresso pode ser traduzida como ameaça, mesmo.

A única possibilidade positiva é de que a deterioração do Congresso acabe forçando um movimento de vigilância e cobrança, por parte das adormecidas entidades representativas da sociedade e da opinião pública. O que, de resto, seria prudente começar desde logo a preparar. Já que, tudo indica, as eleições vão tornar concreto o velho refrão "de mal a pior".

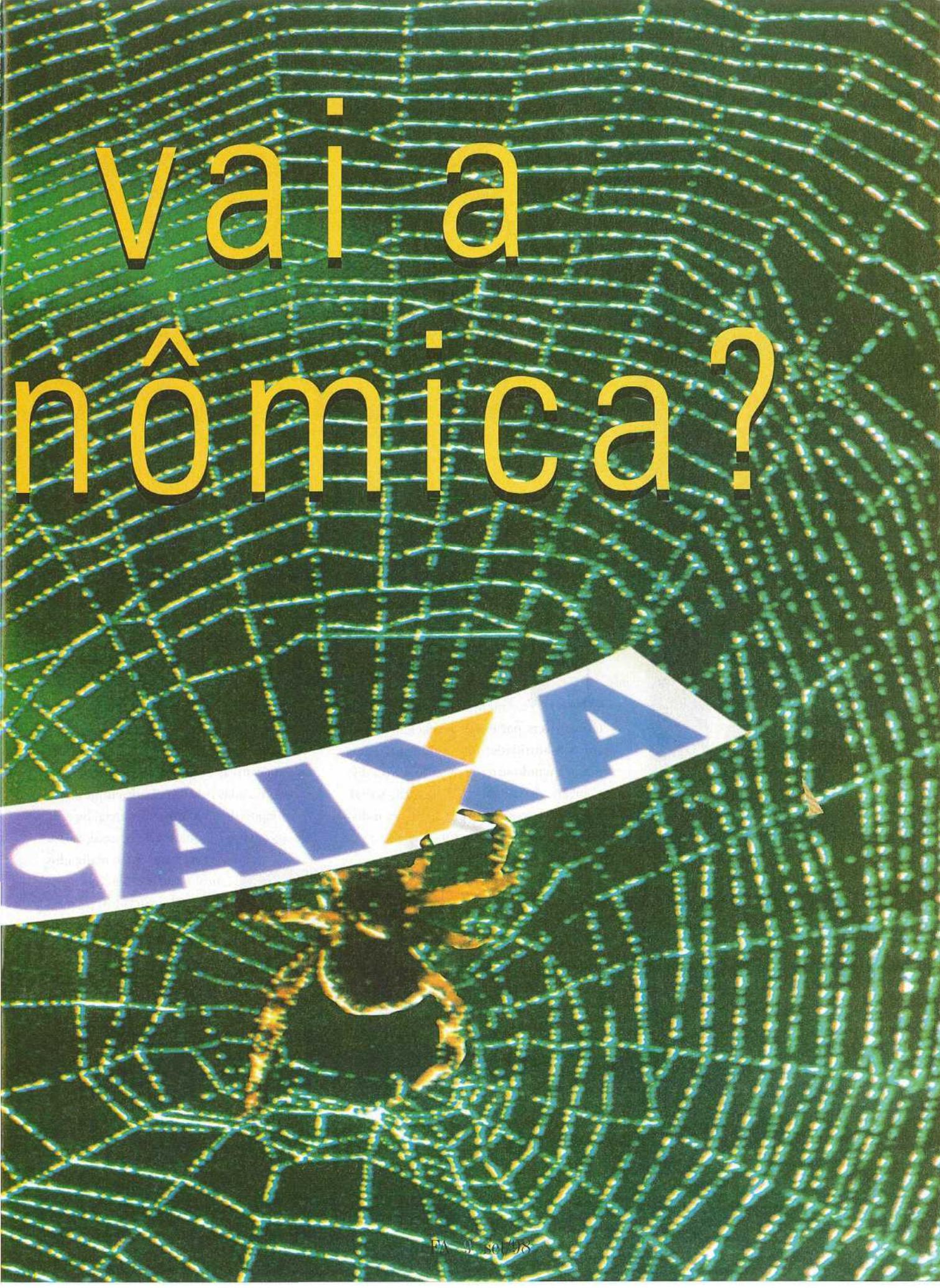
Janio de Freitas,  
jornalista

# Para onde Caixa Eco

■ Evandro Peixoto

# vai a nômica?

**CAIXA**

A large, intricate green spider web is the background. A brown spider is positioned in the lower center, holding a white banner with the word 'CAIXA' written in blue and yellow block letters. The banner is slightly curved and appears to be held taut by the spider's legs.

# As pers CEF dia

*As mudanças que ocorrem no sistema financeiro*

**N**o meio do caminho há cascas de banana. A aventura no mundo de economia globalizada é realmente um perigo, especialmente em países que ainda não atingiram a maturidade, que ainda estão nos cueiros quando se tem por parâmetro a distribuição de renda e a justiça social. Recessão, desemprego, privatizações indiscriminadas, endividamento (interno e externo) vertiginoso, vulnerabilidade nas bolsas. Falências, fusões e incorporações no sistema financeiro. O capital privado fecha o cerco em busca de espaços até então ocupados por bancos públicos no mercado.

Em meio ao futuro, busca-se saber que destino está sendo

reservado às instituições financeiras oficiais. Fica a indagação: para onde vai a Caixa Econômica Federal? Sua atuação nos segmentos comercial, de prestação de serviços e de fomento vem sendo

redirecionada, com incertezas quanto às perspectivas de futuro. Não se tem um desenho acabado da empresa que deverá emergir desse período de indefinições, marcado por políticas de governo que não conseguem dizer com clareza (ou tentam esconder) onde se quer chegar. São grandes as expectativas e muitas as formas de desquite utilizadas pela direção da empresa.

Depois de um corte substancial na rede de agências e no quadro de pessoal, vários

serviços até então realizados nos balcões da empresa foram transferidos para as lotéricas, de forma que um grande contingente de pessoas (potenciais correntistas ou poupadores) está deixando de estabelecer contato direto com a Caixa - é verdade que isso desafoga um pouco o atendimento, mas o

fato é que a tradição centenária de um relacionamento estreito com o público está sendo quebrada.

A CEF investiu por volta de R\$ 35 milhões na padronização das instalações de 5.955 lotéricas, que passaram a receber, além

A tradição do  
contato com o  
cliente está  
quebrada



# pectivas da nte da crise

e na Caixa deixam margens a inúmeras dúvidas quanto ao futuro da Caixa

das contas de água, luz, telefone e gás, também as de condomínios, escolas, carnês de habitação e outras cobranças. A remuneração por autenticação varia de R\$ 0,10 a R\$ 0,18. Estima-se em cerca de R\$ 11 milhões a receita para as lojas lotéricas. Na Federação Nacional dos Empresários Lotéricos (FENAL), a avaliação é de que muitos lotéricos hoje sobrevivem desse "grande negócio" que é o recebimento de contas. O resultado das autenticações, para a CEF, não é informado. O gerente de área de loterias, José Maria Nardeli, adotou a postura de não conceder entrevista.

Discute-se também no Ministério das Comunicações a idéia de utilização dos Correios na prestação de serviços típicos de instituições financeiras, como a captação e administração de contas correntes e de poupança, segmentos em que a Caixa sempre foi referência no mercado, sobretudo para os pequenos poupadores.

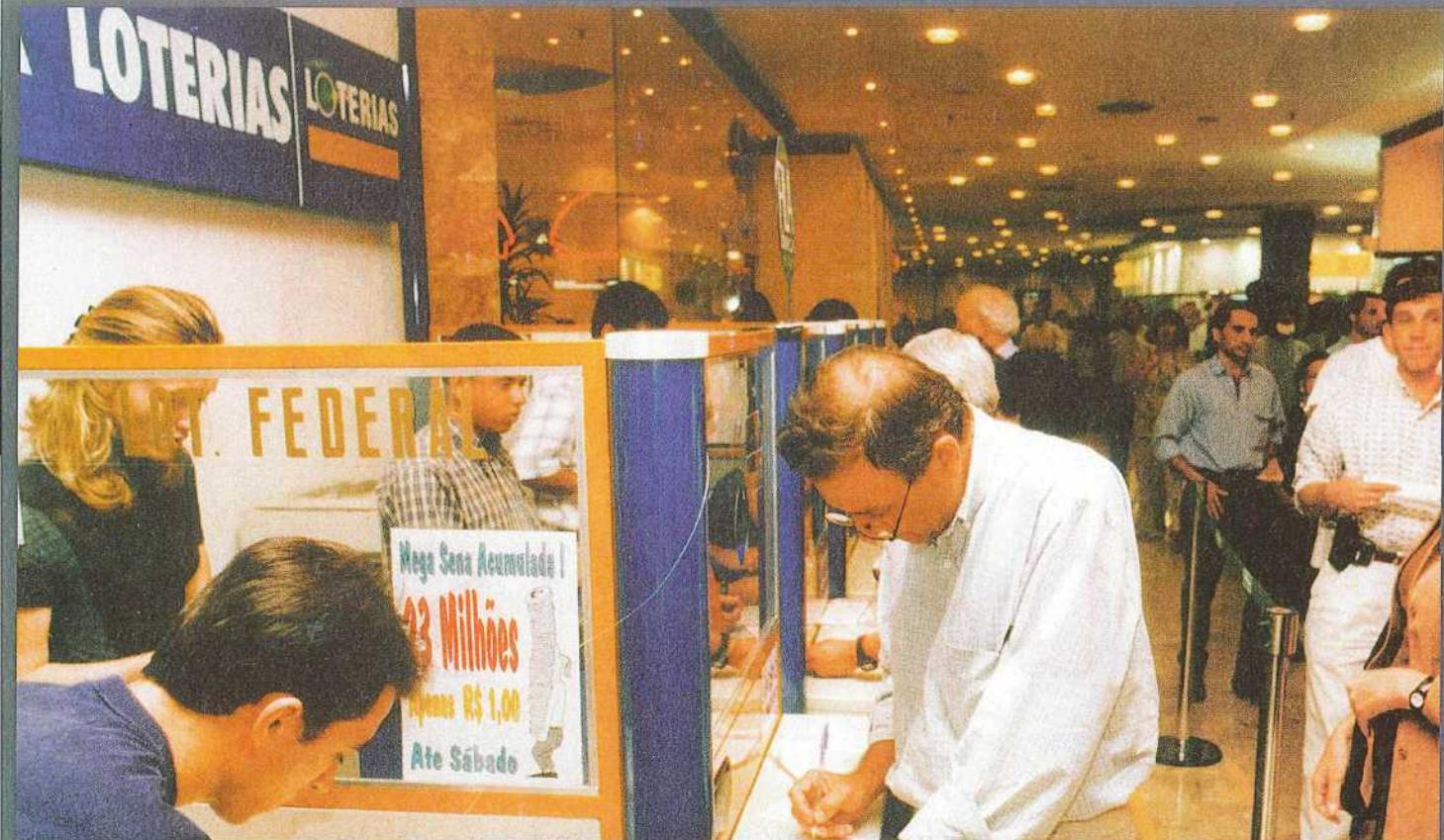
**FGTS** Na área de fomento, o ponto forte da CEF, volta e meia reaparece uma ameaça: a de descentralização do FGTS, o que implicaria em pulverizar os recursos do fundo para todos os bancos.



Os bancos privados estão "de olho" no mercado ocupado pela Caixa e demais bancos públicos

Os programas habitacionais, geridos com dinheiro do Fundo de Garantia (média anual de R\$ 2,5 bilhões), mais a prestação de serviços na área social - paga-

mento do seguro-desemprego (cerca de R\$ 4,5 bilhões ao ano), PIS/Pasep (R\$ 900 milhões/ano), aposentadorias e pensões - representam mais de 50% de toda a



Muitas loterias sobrevivem hoje do recebimento de inúmeras contas, depois do investimento de R\$ 35 milhões feito pela Caixa na sua padronização

movimentação da Caixa.

A mais recente declaração pública a favor da retirada do FGTS da Caixa partiu de ninguém menos que Jorge Bornhausen, presidente nacional do PFL, partido de peso na base de sustentação do atual governo. Em busca de sua justificativa para essa idéia, nossa reportagem tentou por duas semanas seguidas contactar o senhor Bornhausen, em Santa Catarina, onde ele está em campanha eleitoral, mas não obteve retorno das inúmeras ligações. A Força Sindical, também, já se manifestou favorável a essa medida. No ano passado, sua direção chegou a encomendar uma pesquisa para saber a opinião dos trabalhadores quanto ao que chamou de "quebra do monopólio da CEF como gestora dos recursos do FGTS". A consulta teria alcançado 73% de aprovação para a idéia. A Força é uma central sindical de relacionamento estreito com o governo e está engajada na reeleição de Fernando Henrique Cardoso.

O ex-presidente da Caixa, deputado Danilo de Castro (PSDB-MG), diz que

Parte do PFL quer tirar o PIS e o FGTS da Caixa

há correntes interessadas não só em "retirar o FGTS e o PIS da Caixa", como também em "esvaziar a atuação comercial da empresa e assumir os programas da área

pública". O parlamentar, que é do quadro de empregados da CEF, alerta para o risco de se voltar ao estágio anterior, lembrando que antes da centralização do FGTS na Caixa, "havia um cenário propício às fraudes, ao calote pelas empresas e, portanto, à dilapidação do patrimônio público", da

da a "forma irresponsável" com que eram tratadas as contas do fundo por muitos bancos. Segundo ele, os registros eram inconsistentes, haviam titulares cadastrados incompletamente, várias contas para um mesmo titular em vários bancos, ausência de mecanismos de controle, "entre muitas outras aberrações".

Danilo de Castro disse ainda que a divergência que tem com a atual gestão da Caixa é em função de a direção da empresa estar "aceitando a pressão do governo para reduzir a atuação comercial". Para o deputado, "a expansão da presença da

Caixa no segmento comercial não prejudica, muito pelo contrário, fortalece seu papel social na área de fomento.

**Cerceamento** A direção da Caixa recusou-se a receber a reportagem de **FENAE AGORA** para conversar sobre os assuntos aqui abordados. O presidente Sérgio Cutolo, segundo informou o seu consultor especial, Serra Gurgel, não recebe "órgãos de classe" para entrevistas. Gurgel disse ainda que Cutolo é "suficientemente inteligente" para não se posicionar sobre questões como descentralização do FGTS e criação do chamado "banco postal". Os reiterados pedidos de entrevistas aos diretores Eduardo Tavares e Sandra Beatriz foram igualmente recusados. O cerceamento ao trabalho jornalístico desta revista atinge em cheio o direito à informação dos leitores, entre os quais estão 68 mil empregados da Caixa, incluindo aposentados.

Para o deputado Airton Xerez (PSDB-RJ), empregado e ex-superintendente da empresa no Rio de Janeiro, a direção da Caixa deveria, sim, se posicionar sobre a proposta de descentralizar o FGTS. "Acho até que antes ela deveria se posi-

cionar em defesa do trabalhador, em defesa da casa, em defesa da dignidade das pessoas, coisa que eu acho que a Caixa está fazendo muito pouco".

Quanto ao "banco postal", Xerez considera uma idéia boa, que pode ser aperfeiçoada, que pode servir como banco popular, em benefício da comunidade mais pobre. Ele não vê problema em a Caixa competir com os Correios na captação de poupança. Seu entendimento é de que há espaço para todos e que, além disso, "a Caixa não tem essa capilaridade toda". Para o deputado, o ideal é tonar a Caixa um banco múltiplo, um banco comercial mais segmentado - para uma classe média, média-média, padrão cooperativas -, ficando os serviços mais do povão, mais sociais - tipo PIS, seguro-desemprego - para essa modalidade: os lotéricos, os bancos postais casados com a Empresa de Correios e Telégrafos. Assim, segundo ele, "as nossas lojas não ficariam entulhadas com um padrão de poupador que não vai trazer os benefícios financeiros que a Caixa está precisando".

Para Carlos Eduardo Carvalho, assessor econômico da Confederação Nacional dos Bancários (CNB-CUT) e professor de economia da PUC-SP, a descentralização de serviços para as lotéricas e mesmo a criação do "banco postal" contém aspectos positivos, entre outros, o de deixar os fun-

# Banco Postal em fase de estudos

Está em estudo na Secretaria de Serviço Postal, do Ministério das Comunicações, a idéia de se abrir para os Correios a prestação de serviços típicos de instituições financeiras, como a captação de depósitos em contas correntes e de poupança.

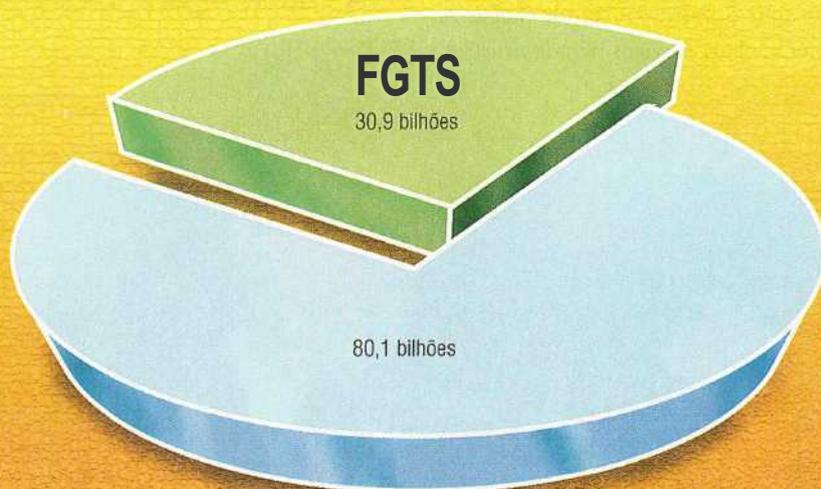
A novidade surgiu em abril de 97, com a segunda edição do Paste (Programa de Recuperação e Ampliação do Sistema de Telecomunicações e Sistema Postal). A apresentação do documento leva a assinatura do então titular da pasta das Comunicações, ministro Sérgio Motta. A tese é a de que "nas economias estabilizadas, em que a atividade bancária se concentra na intermediação de capitais, os Correios desempenham um importante papel de prestador de serviços bancários de baixo custo e voltados para a população em geral". A inspiração veio da "lógica de mercado" adotada de for-

mas distintas pelos Correios do Canadá, França, Japão Inglaterra e Alemanha. Neste último país, o segmento financeiro dos Correios é explorado em forma de empresa virtual e chamado de "banco postal", denominação que vem sendo utilizada também por aqui, embora isso não signifique que a fórmula alemã seja a mesma que se pensa para o Brasil.

Na Secretaria de Serviço Postal, o que se discute é guardado a sete chaves, mas o chefe de gabinete, Arnaldo Rocha Mundim, confirma que o assunto vem tendo desdobramentos internos. As referências do Paste são, no entanto, em serviços que "abrangem não só a simples captação de depósitos e a administração de contas correntes e de poupança, como também as operações de concessão de financiamentos às pessoas físicas". O documento enfatiza, por exemplo, que no Japão o maior sistema de poupança popular - segmento que, no Brasil, tem a CEF como referencial - é gerido por uma unidade de negócios dos Correios.

Segundo o diretor Comercial dos Correios, Roberval Borges, a empresa acompanha as discussões que são feitas no âmbito da Secretaria de Serviço Postal. Ele também não dá pistas de por onde se está caminhando, mas faz questão de registrar que os Correios terão plenas condições de adequar suas unidades para a prestação de serviços no setor financeiro. Roberval vê como positivo o fato de os serviços hoje prestados pelos bancos chegarem através dos Correios a número muito maior de brasileiros, já que a empresa está presente em praticamente todos os municípios do país. Isso, por si só, dá bem a idéia do que pode vir a ser este potencial concorrente da Caixa no mercado.

**Ativo total da CEF: 111 bilhões**



Fonte: balanço 97

cionários da Caixa "mais disponíveis para um atendimento especializado e para aprofundar o relacionamento da CEF com seus clientes efetivos de maior interesse". Ele prevê que nas atividades de banco comercial de varejo, a concorrência para a Caixa vai crescer muito, "à medida que os bancos estrangeiros entrarem mais pesado na disputa pelo mercado".

O deputado Edinho Bez (PMDB-SC), empregado da Caixa, acha que a empresa não deve se retrair caso os Correios entrem no segmento bancário. Ele apostaria na competição, inclusive com a ampliação de postos avançados (sem característica de agência) para novos municípios. Ao seu ver, isso manteria a CEF como referência para um público tradicional, sobretudo os pequenos poupadores. O parlamentar critica a falta de posicionamento da direção da Caixa diante de questões que podem interferir na definição do futuro da empresa. "A acomodação da diretoria da CEF é de quem acha que nada vai acontecer", alfineta Edinho Bez.

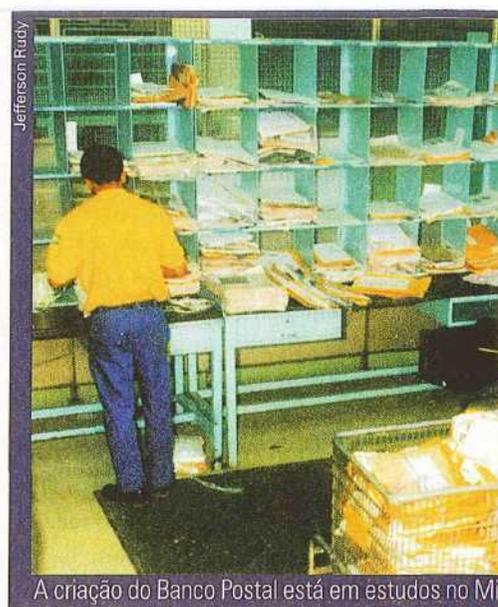
Empresários  
querem um  
outro  
interlocutor



ra Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBICC), que já defendeu em outros momentos a criação de uma Agência Nacional da Habitação, cuja finalidade seria substituir a CEF em seu papel na setor habitacional, inclusive tirando da empresa a gestão de 70% dos recursos do FGTS, entregou recentemente ao governo um documento com novas reivindicações. Uma delas é a de se criar um instrumento de interlocução única entre o governo e os que atuam na área de habitação. O presidente da CBICC, Luís Roberto Ponte, explica que poderia ser um ministério, uma agência ou uma secretaria. "O nome não importa", diz ele. Embora esse "interlocutor único" não implique em um resgate da idéia original da Agência Nacional da

Habitação, Roberto Ponte deixa claro que os empresários continuam entendendo que a CEF não deve ser o único aplicador de recursos do FGTS. Segundo ele, "a Caixa tem deformação de visão" por financiar menos o empreendedor.

**Privatização** O deputado Nedson Micheleti (PT-PR), empregado da CEF, foto à esquerda, cita as experiências da Argentina e Uruguai, onde os bancos hipotecários foram colocados na lista de privatizações após passarem por um processo de desfiguração de suas funções sociais, para sustentar a avaliação de que privatizar a Caixa é realmente onde o governo pretende chegar. A transferência de serviços para lotéricas, a utilização dos Correios e a



A criação do Banco Postal está em estudos no M

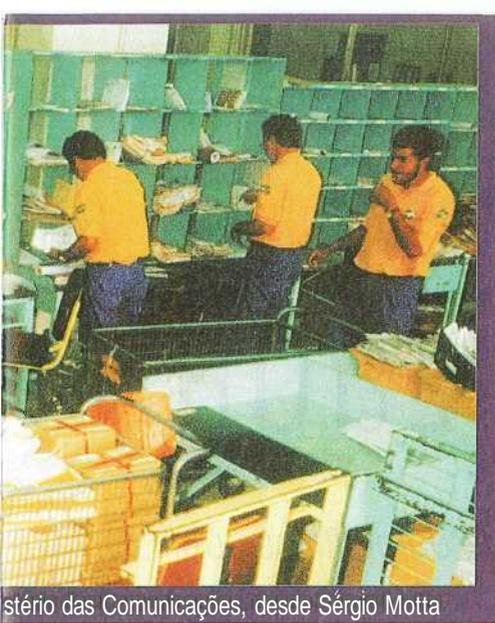
liberação de penhores para outros bancos (medida que já vem sendo ventilada no Congresso) seriam etapas que buscam reduzir o custo operacional da CEF, para deixá-la conforme interessa ao setor privado. Segundo Nedson, há setores do governo que defendem a extinção pura e simples do FGTS e outros a mudança de funções do fundo.

Outro parlamentar do quadro de pessoal da Caixa, Vanio dos Santos (PT-SC), foto à direita, é da opinião de que o governo promove o desmonte da CEF e pode conduzi-la tanto para a privatização como para a sua transformação em uma simples agência de fomento. Isso passaria, inclusive, pelo desestímulo ao quadro funcional e pela flexibilização de direitos dos bancários. Segundo Vanio, o que se constata é que estão sendo abertos os espaços da Caixa para os bancos privados. "A pulverização de serviços para as

## Ministério?

Para comprovar que há movimentações concretas em torno de questões diretamente ligadas aos interesses da Caixa, a Câma-





Ministério das Comunicações, desde Sérgio Motta

# Habitação depende de recursos do FGTS

*O Orçamento Geral da União aplicou apenas 10% do investido pelo fundo no ano passado*

lotéricas e para os Correios são medidas que visam reduzir a área de atuação da empresa", ressaltou.

O presidente da FENAE, Carlos Caser, observa que o uso das lotéricas pela Caixa já começa a se caracterizar como uma verdadeira terceirização, dada a progressiva transferência de serviços típicos de caixas executivos, como pagamentos de aposentadorias, pensões e PIS-Pasep. Ele lembra que assim não vai ser preciso o Ministério das Comunicações criar o banco postal, porque "daqui a pouco as casas lotéricas vão estar movimentando conta corrente e de poupança".

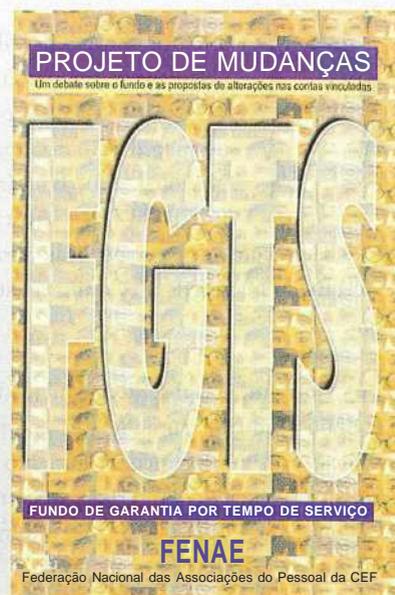
Entre cerca de cem mil pessoas que hoje trabalham na CEF, o número de prestadores de serviços, estagiários e menores já ultrapassa 40%. De acordo com dados do Sindicato dos Bancários de São Paulo, só naquele estado a empresa utiliza os serviços de mil menores que deveriam ser carentes, mas que, na verdade não o são. Já estão sendo chamados dentro da empresa de "menores parentes".

Caser considera indispensável para a Caixa a existência de limites claros para o uso das lotéricas e para a terceirização de serviços, além de uma posição definitiva no meio político e na sociedade quanto à permanência dos recursos do FGTS na empresa. O "banco postal", a seu ver, é uma possibilidade diante da qual a Caixa deve ter um posicionamento estratégico, para que não venha sofrer maiores impactos com a eventual concretização dessa idéia. **FA**

Criado há 32 anos, em 13 de setembro de 1966, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) é hoje uma fonte quase que exclusiva de recursos para o setor habitacional. De acordo com dados oficiais, foram aplicados R\$ 2 bilhões do fundo em 96 e R\$ 3 bilhões em 97, sendo que nesses dois anos o Orçamento Geral da União destinou para a habitação apenas R\$ 210 milhões em 96 e R\$ 290 milhões em 97.

No ano passado, a Secretaria de Política Urbana, do Ministério do Planejamento, estimava em R\$ 53,3 bilhões o total de recursos necessários para fazer frente ao déficit habitacional de 5,6 milhões de moradias no país (4 milhões no meio urbano e 1,6 milhões no meio rural).

A Caixa Econômica Federal é o agente operador do FGTS. Ela centraliza todos os recursos, mantém e controla as contas vinculadas, participa da rede arrecadadora e administra os ativos e passivos do fundo. De acordo com o Informe AZUL da Caixa, entre 1995 e 1997, foram contratados mais de R\$ 7,8 bilhões em habitação saneamento e infra-estrutura, com a empresa estando presente em 68,94% dos municípios brasileiros (em 3.829 dos 5.554). De 1995 a 1998, foram aplicados mais de R\$ 5 bilhões em financiamentos habitacionais, através dos programas Carta de Crédito FGTS e Carta de Crédito CEF. Foram assinados 258.602 contratos. Os R\$ 5 bilhões aplicados correspondem a 59,71% do



total de recursos disponíveis para o setor. Foram estimados inicialmente R\$ 8,49 bilhões.

Como se constata pelos números, o FGTS é o suporte para as ações da Caixa na área da habitação, sobretudo para os programas voltados para a moradia popular. E são nos alicerces da casa própria que está um dos principais pilares do banco social construído pela sociedade ao longo deste século. Para o presidente da FENAE, Carlos Caser, não há dúvida de que a descentralização dos recursos do fundo, de forma que venham a ser pulverizados para as demais instituições financeiras, provocaria um forte impacto na base de sustentação da empresa. "Resta saber se quem defende esta idéia não estaria pretendendo exatamente isso: abalar as estruturas da Caixa".

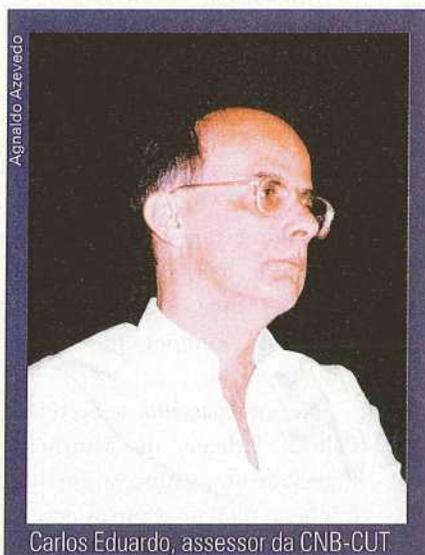
# Nada indica que a CEF será privatizada

*Apesar de tudo, a Caixa deverá continuar como instrumento de políticas públicas*

**C**arlos Eduardo Carvalho, professor de economia da PUC-SP e assessor econômico da Confederação Nacional dos Bancários (CNB-CUT), participa do debate acerca das perspectivas para a Caixa Econômica Federal. Confira a entrevista:

**FA** - Uma empresa inserida no mercado e servindo como instrumento de políticas públicas, um mero banco de fomento ou uma instituição engolida pelo setor privado. Para onde vai a Caixa Econômica Federal?

**Carlos Eduardo** - É difícil apresentar respostas precisas com um grau razoável de segurança, pois não se sabe o que pensa o governo sobre isso. Apesar do compromisso de privatização ou extinção de empresas públicas do governo FHC, a gestão de Sérgio Cutolo não indica que as ações do governo na CEF se orientem nessa direção. A CEF voltou a desenvolver programas de financiamento habitacional, conservou algumas de suas prerrogativas (gestão de fundos, por exemplo) e não sofreu iniciativas voltadas para acabar com sua estrutura de banco comercial. O que significa isso, é difícil saber com certeza. Pode ser fruto de uma política de manter a CEF como banco para as políticas sociais, deixando o crédito comercial para os bancos privados (no limite, significaria privatizar os estaduais, e talvez até o Banco do Brasil, mantendo a CEF), Pode ser reflexo de indefinições e



posições divergentes dentro do governo, entre os mais liberais (a Fazenda e o BC) e os que defendem maior presença estatal na formulação e financiamento de políticas públicas. Dentre as três alternativas indicadas na pergunta, apesar de toda as dúvidas, acredito que as ações do governo até aqui apontam mais para a primeira. Desde o início do governo FHC tenho insistido que as iniciativas tomadas pela direção da CEF não indicavam um propósito de liquidá-la ou privatizá-la, nem de transformá-la em simples agência de fomento. Apesar das dúvidas, vale a pena repetir sempre, continuo pensando da mesma forma.

**FA** - A Caixa já descentralizou parcela dos serviços para as agências lotéricas e está em discussão no Ministério das Comunicações a criação do chamado "banco postal", que

pode viabilizar, inclusive, a movimentação em contas correntes e a captação em poupança através dos Correios. O que essa retirada de clientes e usuários das agências pode significar para a presença da CEF no mercado e para o papel social atribuído à empresa?

**Carlos Eduardo** - Não conheço detalhes do projeto para opinar com suficiente segurança. Em tese, essas iniciativas contêm aspectos positivos: facilitam a vida do cidadão e do cliente da CEF, aumentam a capilaridade da CEF a baixo custo e desafogam o movimento das agências. Os funcionários da CEF poderiam ficar mais disponíveis para um atendimento especializado e para aprofundar o relacionamento da CEF com seus clientes efetivos de maior interesse (mutuários, tomadores de crédito em geral) e também com seus clientes potenciais, em especial os trabalhadores que vão tratar do PIS-Pasep do FGTS e que podem se tornar clientes ativos. Um ponto precisa ser resguardado: que as atividades do "banco postal" fiquem sendo parte da atividade da CEF, não sejam parte de um organização diferente.

O "banco postal" deveria ser no máximo um prestador de serviços para a CEF. Outro aspecto a ser discutido é o estatuto jurídico dos funcionários das lotéricas e agências dos Correios que passariam a desenvolver operações e atividades tipicamente bancárias. Esse pessoal deveria passar a ser considerado bancário e a ter todos os direitos da categoria. **FA**

## Plenário em reforma

Se há uma "reforma" que anda em época de eleições é a do plenário da Câmara dos Deputados. Aproveitando a ausência de seus parlamentares, o presidente da Casa, deputado Michel Temer (PMDB-SP), resolveu implantar um sistema de identificação digital, visando acabar com os "pianistas".

Quanto às demais reformas, o presidente Fernando Henrique Cardoso pediu para esquecê-las, ao menos no período eleitoral...

## Senado: carimbo oficial?

Das indicações feitas pelo presidente da República, cabe ao Senado aprovar os nomes que venham a ocupar os seguintes cargos: ministros dos tribunais superiores, ministros do Tribunal de Contas da União, presidente e diretores do Banco Central, chefes de missão diplomática e procurador-geral da República.

Ao contrário de um Parlamento com maior peso político, como o norte-americano, que já recusou inúmeras indicações do Executivo, no Brasil o Senado Federal homologa as indicações em 99% dos casos.

## Urnas abarrotadas de eleitores

**N**as eleições de 4 de outubro, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), teremos cerca de 106 milhões de eleitores, com 57% desse total votando em urnas eletrônicas. Roraima é o estado com menos eleitores (170 mil) e São Paulo, o de maior densidade eleitoral (23 milhões).

Os jovens até 24 anos somam 21 milhões de eleitores. A população feminina é em média maior que a masculina, mas o número de eleitores masculinos supera o feminino.

Os eleitores analfabetos somam 8,5 milhões.

No Distrito Federal, segundo o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), foram deferidas 600 candidaturas para um total de 24 vagas de deputado distrital. Teremos 12 candidatos à Presidência da República.

## História do Congresso Nacional

**C**onsta no livro "Brasil: de Castelo a Tancredo", do brasileiro Thomas Skidmore - editora Paz e Terra - 5ª edição - página 486, a curiosa história sobre o Congresso Nacional: "A 15 de janeiro de 1985, o colégio eleitoral elegeu Tancredo Neves e José Sarney por 480 votos de um total de 686. Paulo Maluf recebeu apenas 180 votos. Houve 17 abstenções e nove ausên-

cias (aqui se incluindo políticos que optaram por ficar fora da luta ou que - à esquerda - afirmavam que a eleição não tinha sentido).

A composição dos votos era reveladora: Tancredo obteve todos menos cinco dos 280 votos do PMDB. Recebeu também 166 votos do PDS, quase tanto quanto os 174 de Maluf", naquela ocasião o candidato oficial do partido. 

# Quando os fundos de pensão perdem

■ *Aloysio Biondi*

**O**s fundos de pensão "fechados", de estatais e ex-estatais, perderam R\$ 4 bilhões no primeiro semestre. Causa: prejuízos com operações nas bolsas. Às perdas podem ser mero reflexo da queda dos preços das ações, no período. Mas existe também a hipótese de que esse "rombo" tenha sido provocado pela forma ilegal com que a equipe econômica do governo agiu, ao ordenar aos fundos, em momentos de crise aguda, que realizassem operações de "socorro" nas bolsas de valores, comprando ações para evitar que seus preços despencassem ainda mais. As perdas dos fundos representam "queima" de patrimônio dos seus contribuintes. Neste estranho país chamado Brasil, no entanto, semanas após a divulgação dos resultados do semestre, desconhecia-se qualquer iniciativa - principalmente e sobretudo na Justiça para apuração de responsabilidade. Em cena a mesma apatia total que tem permitido, ao governo Fernando Henrique Cardoso, passar como um trator por sobre leis, direitos, em uma escala jamais vista em regimes pretensamente democráticos. A mesma falta de reações que encorajou o governo FHC a repetir todas as estrepolias com os fundos, BNDESPar, Banco do Brasil na nova "rodada" da crise, nesta última segunda quinzena de agosto. Bilhões e bilhões de dólares e reais foram novamente despejados no mercado, em dinheiro vivo

ou sob a forma de contratos futuros, na tentativa de "salvar" o real e evitar a grande crise. Os interesses nacionais justificariam essas intervenções ilegais - mesmo que as operações de socorro tenham trazido lucros ou evitado prejuízos (o que dá na mesma) a grupos que conseguiram vender seus países (ou realizar outras operações, nos mercados futuros), antes da grande queda dos mercados? A resposta pode ser encontrada nos países que também vêm sendo atingidos pela crise no mercado financeiro. Em todos eles, o banco central assumiu, ele próprio, a luta contra as "corridas", utilizando todo o arsenal de armas disponíveis - isto é dentro das normas de mercado, sem manobras e bastidores nada transparentes e com uso de dinheiro de cidadãos, como os associados dos fundos de pensão. Ou os acionistas do BB. Ou os contribuintes em geral.

**O caso Proer** - O anestesiamiento da sociedade brasileira diante da ação autoritária do governo Fernando Henrique Cardoso pode ser avaliado em toda sua extensão com dois fatos recentes, relacionados ao Proer - o programa de socorro aos bancos. Aqui, o Congresso solicitou informações minuciosas sobre os prejuízos resultantes do programa - que, a propósito, não desembolsou "apenas" R\$ 20 a R\$ 25 bilhões, como se repete constantemente. Na verdade, a cifra desembolsada é muito maior. Por quê? Acontece que, quando um

banco que foi incluído no Proer é finalmente "vendido", ele é liquidado - os valores que lhe foram destinados são retirados do "balanço" do Proer e passam a figurar no balanço do Banco Central. Feche-se o parêntese, e volte-se ao pedido de informações do Congresso. A resposta foi um solene "não". Veja-se, agora, o contraste com o México. Mesmo lá, em um país dominado por um partido único há décadas, o governo enfrenta resistência no Congresso, inclusive de seus partidários, para aprovar as contas do seu programa de socorro ao mercado financeiro. Por quê? Os congressistas até concordam em que o governo, o Tesouro, o contribuinte, "pague", cubra o "rombo" das contas dos bancos socorridos, quando esse "rombo" resultar realmente das brutais oscilações de mercado e da crise que se abateu sobre a economia mexicana em 1994. Mas os congressistas se rebelaram contra o pagamento indiscriminado aos banqueiros, isto é, querem que o "rombo" provocado por fraudes, desvios, operações especulativas seja investigado e coberto pelos próprios acionistas dos bancos. Aqui? E tudo "sigiloso", "secreto". Nem o Congresso Nacional tem o direito a qualquer informação. Bom para os banqueiros. Ruim para os contribuintes.

**Aloysio Biondi,**  
jornalista 

# Negociações complicadas

*Bancários, petroleiros e outras categorias têm campanhas salariais dificultadas pela "flexibilização" adotada pelo governo federal apesar do excesso de trabalho*

**C**om a série de propostas de alteração nas leis trabalhistas, o governo federal inseriu novas preocupações às negociações salariais que acontecem no segundo semestre. Tradicionalmente, as categorias com data-base a partir de primeiro de julho encontram mais dificuldades em suas campanhas salariais do que as demais. A nova investida pela flexibilização das relações de trabalho, agora, é mais um fator

com que as categorias devem trabalhar.

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) avalia que as negociações ocorridas em 1997 demonstraram um "endurecimento patronal evidente no setor privado" em relação ao ano anterior. Durante todo o ano de 96, por exemplo, nenhuma empresa estatal concedeu a seus empregados reajuste igual ou superior ao Índice de Custo de Vida (ICV-Dieese). Ou seja, todos os funcionários

públicos arcaram com perdas reais em seu salário.

No ano passado, entre todos os trabalhadores, as negociações não redundaram em recomposição salarial para nada menos que 79,81% das categorias. Em outras palavras, praticamente quatro em cada cinco trabalhadores tiveram reajuste abaixo da inflação ou nem ao menos conseguiram aumento salarial em 97.

Este ano, os trabalhadores das empresas públicas, em especial, querem garan-



# Medidas do governo atingem todos os setores

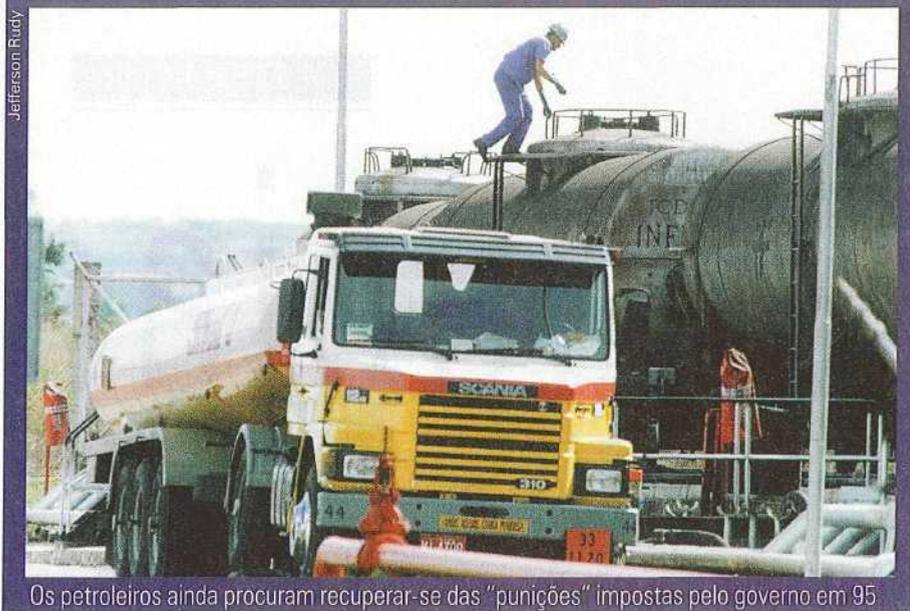
As diversas alterações na legislação trabalhista sugeridas pelo governo têm alvos distintos entre os trabalhadores. A demissão temporária deve ser usada e abusada pelas empresas de construção civil. A redução da jornada de trabalho pode ser apropriada pelo setor de serviços. Já o banco de horas é ideal para a indústria.

Especialistas em negociações coletivas avaliam que boa parte das mudanças sugeridas pode aumentar o poder da negociação coletiva. Isso pode acontecer caso se respeite a legislação, que determina a negociação de muitos desses pontos apenas através dos sindicatos. Ou seja, teoricamente o processo de desregulamentação das relações trabalhistas não beneficia apenas o empregador.

É claro que o sucesso na negociação vai depender da força da categoria. Em que pese as tentativas de enfraquecer o movimento sindical e a noção de categoria, levadas adiante pelo governo federal, a negociação de cláusulas não-econômicas pode ganhar corpo.

Entretanto, o presidente da CNB, Sérgio Rosa, alerta que a legislação sobre pontos que fazem parte da negociação pode ser prejudicial.

"Sob a alegação de que a lei impede a geração de empregos, o governo resolve de uma canetada itens que os bancários, por exemplo, vêm discutindo exaustivamente desde o primeiro semestre com a federação dos bancos", reclama ele. Sérgio Rosa observa que a mudança nas leis trabalhistas, quando é feita, tende sempre a prejudicar os trabalhadores.



Os petroleiros ainda procuram recuperar-se das "punições" impostas pelo governo em 95

tir maiores conquistas. Por isso, funcionários de bancos públicos (como a Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Banco da Amazônia, por exemplo), petroleiros e trabalhadores dos Correios planejam a realização de atos conjuntos durante a campanha, além de ações unificadas junto à Secretaria do Conselho de Coordenação e Controle das Empresas Estatais e ao Ministério da Fazenda, com apoio da CUT.

Resta saber qual será a receptividade do governo. Uma referência podem ser os acordos fechados com os empregados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). O governo ofereceu reajuste de 2,5%, aceito pelos primeiros e trocado por um abono pelos demais.

**Vantagens** O Dieese considera os metalúrgicos entre as categorias mais prejudicadas nas negociações salariais do ano passado, ao lado dos funcionários de empresas públicas. Os trabalhadores paulistas filiados a sindicatos da Central Única dos Trabalhadores (CUT) estão entre as exceções na categoria metalúrgica em 97: tiveram reajuste de 4% a 5%, em média. Para este ano, a Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT (FEM) espera reposição de 2,5% e piso estadual de R\$ 500,00. A data-base da categoria é em novembro.

Metalúrgicos  
foram os mais  
prejudicados  
ano passado



No ano passado, além do reajuste, os metalúrgicos obtiveram a garantia de que os patrões não iriam utilizar mão-de-obra presidiária sem antes negociar com os sindicatos e nem contratar menores.

Com 16 sindicatos filiados e 300 mil trabalhadores na base, a FEM começa agora a preparar nova negociação com as

empresas. Emprego, salário e direitos sociais devem ser os motes da campanha.

Pelo menos uma das reivindicações dos metalúrgicos paulistas promete causar polêmica. Ela se refere à redução paulatina da jornada para 35 horas semanais até o ano de 2002. Hoje, a média de

trabalho é de 42 horas. O FEM reconhece que a questão vai ser delicada, porque o governo já acenou com a instituição da minijornada semanal de 25 horas, reduzindo salários e outros direitos.

**Privatização** A campanha salarial dos telefônicos deve assumir este ano contornos totalmente diferentes. A venda do sistema Telebrás lançou a categoria para a negociação com a iniciativa privada. Aos 40 mil trabalhadores de empreiteiras, juntam-se agora os cerca de 90 mil funcionários de ex-empresas públicas.

O coordenador-geral da Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações (Fittel), Luís Antônio Sousa e Silva, lamenta que a pri-

vatização do setor possa causar a demissão de até 30% desse total nos próximos 12 meses. Somente até o final do ano, 10% dos funcionários de empresas vendidas devem perder o emprego.

A Fittel aponta ainda que a maior parte das demissões deve se concentrar no Nordeste, já que nas demais regiões a meta exigida de expansão tende a impedir demissões.

De qualquer forma, os sindicatos da categoria já estão acostumados a negociações difíceis.

**Reflexos** Os petroleiros iniciam sua campanha ainda buscando recuperar-se da greve de 1995. O movimento foi considerado ilegal pelo Tribunal Superior do Trabalho, que aplicou multa diária de R\$ 50 mil sobre os sindicatos, bloqueou recursos e penhorou bens das entidades.

A greve, de 32 dias, foi uma resposta aos três acordos seguidos que a empresa assinava e não cumpria. Recentemente, o Congresso Nacional concedeu anistia aos sindicatos. Porém, o governo federal vetou a devolução dos valores confiscados.

Para a Federação Única dos Petroleiros (FUP), a medida é uma clara represália à categoria num momento em que a negociação salarial é retomada. Em 1995, um dos reflexos positivos da greve foi o

reajuste de 29%, o maior índice entre todas as categorias naquele ano. Todas as demais reivindicações foram ignoradas.

Para 98, os 39 mil petroleiros reivindicam reajuste da inflação dos últimos 12 meses, reposição das perdas após o plano Real, produtividade e reintegração dos demitidos na greve, entre outros.

**Redução** O presidente da Confederação Nacional dos Bancários (CNB/CUT), Sérgio Rosa, informa que "a garantia de emprego vai ser uma das questões fundamentais nesta campanha". Quando se vê a evolução do tamanho da categoria, fica fácil entender a razão. Os bancários já foram 811 mil em 1989. Hoje são 460 mil.

Sérgio Rosa complementa que a defesa do emprego tem reflexos, inclusive, em outras reivindicações da categoria, como o melhor atendimento. Os bancários defendem ainda, nesta campanha, melhores condições de trabalho, garantias aos bancos públicos, queda nas tarifas e participação nos lucros.

Entre as cláusulas econômicas puras, estão o reajuste básico de 7,7%, para recompor o poder de compra dos salários desde setembro de 1994, e produtividade de 14,8%. O índice de reajuste varia de banco a banco, de acordo com as perdas verificadas nos últimos quatro anos. **FA**

## Empregados da Caixa já estão em campanha

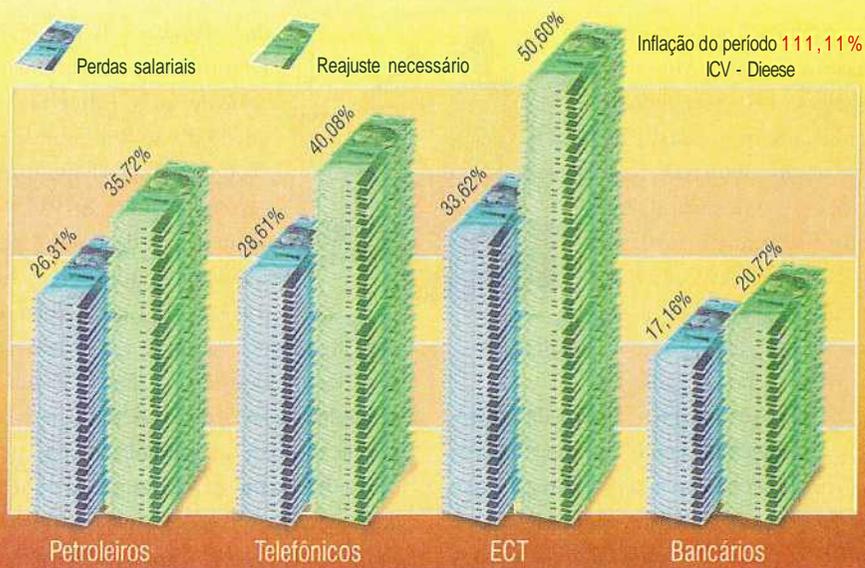
A campanha salarial dos empregados da Caixa Econômica Federal deste ano será marcada pelo combate ao esvaziamento da empresa, atitude da qual o governo federal é acusado. Com relação às cláusulas econômicas, o funcionalismo reivindica 2,93% de reajuste - entre setembro do ano passado e agosto deste ano - e reposição de 30,87%, referente ao que foi pago aos demais bancários a partir de setembro de 1994. Os empregados da Caixa não obtiveram esta recomposição.

A negociação com a empresa, que já começou, também inclui produtividade de 14,8% e participação nos lucros, em moldes diversos aos que vêm sendo utilizados atualmente pela empresa para remunerar os empregados.

Durante o XIV Congresso Nacional dos Empregados da Caixa, no início de agosto, os representantes do funcionalismo também demonstraram preocupação com a jornada de seis horas na empresa, que vem sendo desrespeitada em várias cidades. O respeito à jornada estabelecida para o bancário foi objeto de cartilha que a FENAE e outras entidades representativas dos empregados editaram recentemente.

Além disso, o funcionalismo da Caixa está insatisfeito com vários outros pontos da gestão atual. É por isso que a gestão paritária nas direções da Caixa, FUNCEF e SASSE também está sendo reivindicada, ao lado da volta da figura do diretor representante na empresa, suprimido este ano de forma unilateral.

### Defasagem salarial (julho de 1994 a agosto de 1998)



# Há 28 anos ...



## CDN elege o presidente da FENAE

O professor Arthur Ferreira de Souza Filho foi reconduzido mais uma vez à Presidência da FENAE. Ele foi eleito por aclamação pelos membros do Conselho Deliberativo Nacional da Federação, na sétima reunião anual, em março de 1978, no Ceará. Souza Filho foi o primeiro presidente da FENAE e estava iniciando, em 78, o sétimo de seus 11 anos à frente da entidade.

"A Caixa é feita por nós, servidores. Para manter-se como segunda institui-

**Economiários reconduzem dirigentes da FENAE**

Em sessão solene realizada dia 31 de março no Salão de Convenções do Imperial Palace Hotel de Fortaleza, a VII Reunião Anual do Conselho Deliberativo da FENAE reconduziu a diretoria executiva da entidade para o período biênio, sendo reconduzidos a maioria dos dirigentes.

Existiram presentes à sessão, entre outros convidados e honorários exornatários concorrentes, o Secretário de Planejamento e representação do Governador do Ceará, Paulo de Tarso Lins da Costa; o Delegado Regional do Trabalho, Geraldo Quinteiro; o Coordenador R.T. da CEF, Oscar Porto Lins; o Gerente Geral da Filial CE, João Alberto Rodrigues dos Santos; o Gerente Adjunto, Francisco de Menezes

Imagens dirigidas aos contatos do diretor da CEF, Rogério Cortão, que foi muito aplaudido sua conduta e oportunidade.

Em nome dos economistas o presidente da Seção Beneficente dos Afilhados do Rio de Janeiro e representante da FENAE, Celso Oliveira Maia, que destacou a grandeza do movimento fluminense, após se sobe uma nota de elevação do movimento fluminense, da CEF, e a homenagem à FENAE que os servidores de todo o Brasil, pelo seu trabalho e entendimento, do dia 30 de março no futuro da CEF.

Segunda (Ilumina) de

O FENAE Notícias de março de 78 noticiou a eleição do presidente

funcional, para o correto atendimento de sua enorme clientela", diz editorial do FENAE Notícias de março a maio daquele ano. De acordo com o jornal, a reunião do CDN serviu não somente para reconduzir os dirigentes de então, mas também para "reafirmar a unidade da classe".

Já na época, a recém-criada FUNCEF merecia destaque na pauta do encontro do movimento dos empregados da Caixa. Os participantes da reunião em Fortaleza discutiram ainda a

SASSE, a Caixa como empresa pública e a situação das associações estaduais do pessoal.

## NOSSOS PERSONAGENS

### Uma médica à frente da emancipação da mulher

Se as mulheres têm hoje participação decisiva na vida política brasileira, isso deve-se em muito ao desprendimento e à determinação de Berta Maria Júlia Lutz, nascida em 1894, em São Paulo.

Filha do médico e cientista Adolfo Lutz, fundador da medicina tropical, da zoologia médica rio Brasil e responsável pela identificação dos principais transmissores da malária, Berta herdou de seu pai o espírito humanista e revolucionário. Foi uma das pioneiras no Brasil na defesa do voto feminino e dos direitos da mulher.

Depois de ter se formado em ciências naturais na Universidade de Paris, a Sor-

bonne, Berta Lutz é aprovada em concurso para o Museu Nacional, em 1919, tornando-se a segunda mulher a entrar para o serviço público no país. Funda e assume a liderança da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Em 1922, é a representante brasileira na assembleia da Liga das Mulheres Eleitoras, realizada nos Estados Unidos.

A discussão sobre o direito das mulheres brasileiras de manifestar sua vontade nas urnas começou na preparação da Constituição de 1891. Vinte anos depois, a reivindicação voltou à tona com a criação



do Partido Republicano Feminino. Apesar de ter sido adotado pela primeira vez em 1928, no Rio Grande do Norte, o sufrágio feminino só foi oficializado em 1932, por meio de um decreto-lei assinado por Getúlio Vargas. Em 1934, Berta Lutz é eleita de-

putada suplente e assume o mandato dois anos depois. Defende na Câmara Federal a mudança da legislação referente ao trabalho da mulher, a igualdade salarial, a licença de três meses à gestante e a redução da jornada de trabalho, então de 13 horas. Berta morreu no Rio de Janeiro, em 1976.

# FENAE e APCEFs lançam CD do VI Festival de Música

*As 12 melhores músicas do evento realizado em março mostram o talento dos empregados da Caixa*

A música dos empregados da Caixa Econômica Federal continua a ecoar no segundo semestre deste ano. Foi lançado o CD com as músicas finalistas do VI Festival Nacional de Música dos Empregados da CEF (Fenec), trazendo representantes de 12 estados.

O CD abre com a canção vencedora, "Minha voz", composta e interpretada pela paranaense Luciana Walt. Da primeira à última faixa, o ouvinte fica conhecendo a grande variedade de sons produzidos por quem trabalha na Caixa. O presidente da FENAE, Carlos Caser, fala que "o objetivo da Federação, com o CD, é incentivar a produção de música brasileira através dos talentos existentes na empresa".

Cada um dos participantes receberá 20 exemplares para divulgação. Muitos já pediram cotas maiores, para vender em seus estados. A tiragem total do CD é de mil exemplares.

O Fenec foi realizado em março deste ano, na sede da APCEF/PB. João Pessoa também sediou a gravação do álbum, promoção conjunta da FENAE e das associações de pessoal da Caixa.

Gravado e mixado no SG Studio, pré-mastereizado pela Somax, o CD tem direção artística de Donato Barbosa e produção de Maria Aparecida Diniz, presidente da APCEF/PB, e Emanuel Souza de Jesus, diretor Cultural da FENAE. "O festival e seu resultado, este CD, são a mostra de que as vozes dos empregados da Caixa podem se unir quando isso se faz



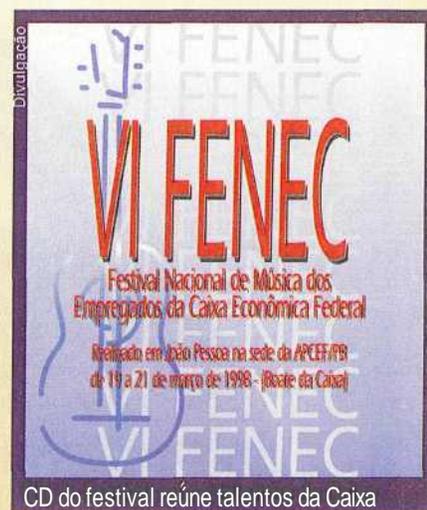
Luciana Walt foi a vencedora do festival

necessário, dentro e fora da empresa", diz Aparecida.

Por falar em voz, a de maior destaque no Fenec pertence justamente à vencedora. Além do primeiro lugar, Luciana Walt recebeu por "Minha voz" os prêmios de melhor intérprete, arranjo, letra e música.

Em segundo lugar ficou o representante da casa, o paraibano Raul Marques, com "Lixo". "Meu país" deu a Cícero de Holanda o terceiro lugar. Ao todo, 17 estados enviaram representantes para o festival.

A vitória de Luciana foi merecida, inclusive pela história musical da paranaense. Ela canta na noite curitibana desde os 15 anos e trabalha na Caixa desde 1989. A empresa, ao lado do governo do estado da Paraíba, SASSE, FENAE Seguros e Fenaetur, apoiou a produção do CD. 



- "Minha voz"**  
Luciana Walt (PR)
- "Lixo"**  
Raul Marques (PB)
- "Meu país"**  
Cícero de Holanda (SE)
- "Casa, flor e amor"**  
Miguel Pacífico (AC)
- "Valsa de um violeiro"**  
Zé Rodrigues (ES)
- "Canto igual"**  
Milton Magalhães (RS)
- "Lamento pra uma fada"**  
Nilson Aquino (BA)
- "Beleza, delicadeza"**  
Wilma Araújo (AL)
- "Despertar"**  
Ronaldo Oliveira (RJ)
- "Grito da raça"**  
Rosinha Peixoto (RR)
- "Planeta vida"**  
Edimar Costa da Silva (RN)
- "Gente do choro"**  
Anna Claudia (MA)



Os ex-presidentes da FENAE e quatro membros

# FENAE

## comem

**A** FENAE Seguros comemorou no dia 30 de julho seu 25º aniversário com uma solenidade no Rio de Janeiro. O evento contou com uma palestra da jornalista Miriam Leitão sobre "Mudanças estruturais no Brasil e seu impacto no setor de seguros".

Estiveram presentes todos os presidentes da FENAE desde a sua criação: Arthur Ferreira de Souza Filho, José Gabrielense Gomes Duarte e Sérgio Nunes da Silva. Eles receberam uma homenagem e compuseram a mesa juntamente com o atual presidente da Federação, Carlos Caser. Da diretoria da FENAE compareceram ainda José Francisco Zimmermann, vice-presidente; Carlos Borges, diretor Financeiro; e José Durval Reis. Jair



Atual diretoria estiveram presentes na comemoração do 25º aniversário da FENAE Seguros

Seguros

# Seguros ora 25 anos

Pedro Ferreira, diretor representante dos empregados da Caixa na SASSE e o diretor Financeiro da CUT, Remígio Todeschini, também prestigiaram a solenidade.

Representantes do mercado segurador e da Caixa ligados à área compareceram em grande número, demonstrando a amplitude do trabalho e das parcerias que vêm sendo desenvolvidas pela FENAE Seguros.

Ao completar seus 25 anos, a FENAE Seguros ocupa a quinta colocação no ranking entre as 50 mil corretoras existentes em todo o país. Sua especialização é em riscos industriais, patrimoniais e pessoais, com uma rede espalhada em 20 regiões estrategicamente localizadas.

A FENAE Seguros foi fundada em 1973 com o objetivo de fortalecer as associações de pessoal da Caixa, levantando

recursos via comissionamento e ajudando na promoção dos eventos realizados pelas APCEF's e pela FENAE.

No início, a atuação da FENAE Seguros restringia-se aos seguros cativos da Caixa. Com o desenrolar dos anos, a experiência e a capacitação profissional da empresa, tendo à frente seu diretor administrativo e financeiro, Marcus Vinícius de Oliveira, e seu diretor comercial, Sérgio Almedia, possibilitaram a ampliação de seu trabalho, atingindo a todo o mercado segurador.

Com uma atividade voltada prioritariamente para os clientes da Caixa, a FENAE Seguros vem fortalecendo as operações da SASSE (seguradora da CEF), participando de parcerias com empresas líderes do mercado, como a Sul América, a Icatu Hartford, a Porto Seguro e a Minas Brasil, entre outras. 

## Míriam Leitão: o perfil do Brasil não é mais o mesmo



"O Brasil vem passando por profundas mudanças nos últimos anos." Assim a jornalista Miriam Leitão começou sua palestra sobre as alterações estruturais que o país atravessa.

Ela demonstrou através de gráficos e tabelas que o perfil do brasileiro hoje é outro: aumentou sua expectativa de vida, mudaram seus hábitos de consumo, democratizou-se o mercado de trabalho com a maior participação da mulher, cresceu o mercado de trabalho informal, a concentração urbana etc.

Para a jornalista, o somatório dessas mudanças com as inovações tecnológicas, a estabilidade da moeda e a abertura do mercado brasileiro aos produtos importados revolucionou o país, que não é mais aquele que conhecemos. Ela lembrou que muitas pessoas - inclusive partidos políticos - ainda não se deram conta dessa reviravolta estando, portanto, defasados para com a realidade nacional.

Miriam Leitão abordou, também, os reflexos das mudanças no mercado segurador. Citou a entrada de empresas internacionais no país e o crescimento de sua participação no setor. Setor que, se comparado com os padrões internacionais, ainda deverá crescer muito. A expectativa, portanto, é de um mercado disputado e com forte tendência de aumento nos próximos anos.

# Sou (quase) Vasco desde criancinha

■ José Trajano

**D**aqui do meu exílio voluntário em São Paulo, fiquei imaginando, como em um filme, como velhos amigos deviam estar se sentindo com a mais importante vitória vascaína de todos os tempos.

Imaginei o dia seguinte, com a moçada cruzmaltina voltando de Guaiacul carregando a taça, desfilando em carro aberto pelas ruas do centro do Rio. Vi a festa no bar da Maria, com Aldir Blanc vestido de jogador; a cantoria varando a madrugada na casa do Paulinho da Viola; as risadas e causos do Sérgio Cabral rodeado de amigos; o Waltinho no bar do Lourenço pagando "saideiras" até o dia clarear. Imaginei o Cristo com a cruz de malta no peito. E a minha cidade maravilhosa feliz e orgulhosa, como nos velhos tempos, quando meu pai era Vasco (depois virou a casaca e virou América, como eu) e me dizia que Ipojuacan era o melhor jogador do mundo.

Lembro de um dos meus times de botão, com um ataque demolidor reunindo Sabará, Delem, Ipojuacan, Pinga e Parodi. Quinteto maravilhoso, mas que nunca jogou junto, a não ser na mesa lá de casa. Não esqueço de um goleiro chamado Sivuca, que era albino que nem o extraordinário músico, e que foi um fiasco em um torneio início, daqueles do tempo em que era no Maracanã e a gente chegava de manhã e voltava à noite



para casa.

Sempre morri de inveja do torcedor do Vasco. Sempre tremi vendo seu time entrar em campo em jogos contra o meu Ameriquinha. A primeira partida que assisti em minha vida foi em São Januário, um Vasco e Renner, em 54, se não me engano, ano em que o time gaúcho foi campeão do Rio Grande do Sul. Desfilei pela pista de atletismo na abertura dos jogos infantis; quebrei o pau com a torcida do Flamengo após uma partida de basquete de 11 a 13 anos na quadra atrás do gol da barreira; cheguei até a tocar (ou fingir que tocava) contrabaixo num baile de estudantes na sede

de São Januário.

No início de minha vida profissional, como repórter, passei anos fazendo a cobertura do Vasco. Época em que acompanhei de perto gente como Zezé Moreira, Elba de Pádua Lima (saudosos amigos Tim), Yustrich, Paulo Amaral, Duque, Paulinho de Almeida, Eli do Amparo, como treinadores, e jogadores como Brito, Fontana, Barbosinha, Célio, Mário, Quincas, Pereira, Saulzinho, Loricó, Maranhão, Alcir, Pedro Paulo, Rubilota, Clemente, Adilson (irmão do grande Al mú; o Pernambuquinho), Zezinho, Joel, Russo e muitos outros, como o goleiro Marcelo, aquele mesmo que abandonou o jogo no Maracanã porque engoliu um frango entre as pernas.

Enfim, não fui Vasco não sei porquê. Mas talvez devesse ter sido. Estaria sofrendo menos todos esses anos de 60 para cá. Mas no dia da final da Libertadores eu fui. Fiquei diante da televisão torcendo. Que nem um vascaína. Muito mais para que tudo isso que imaginei acima acontecesse, do que por outra coisa qualquer. Devo estar saudosos de mim.

Casaca! Casaca! A turma é boa, é mesmo dafuzarca.

José Trajano,  
jornalista 

# Um jogo em que você faz de tudo

*O futebol de mesa, mais conhecido como botão, sobrevive e encanta, principalmente aos adultos*

**D**oce rotina. Os botões são apenas o meio, mas o que leva um seletivo grupo de "marmanjos" a praticar o futebol de mesa, uma modalidade esportiva cada vez mais rara em tempos de império dos jogos eletrônicos, são a aventura de compartilhar com os amigos um passatempo que vicia e o prazer de se divertir por horas a fio. É exatamente assim que o carioca Maurício Nascente, dono do sebo Berinjela (livros usados e CDs importados), define um "hobby" que ainda faz a alegria de muita gente.

O futebol de mesa faz parte do cotidiano de atores, cantores, gerentes de banco, desempregados e um sem número de outros profissionais. 'A livraria Berinjela, com suas cinco mesas, possui mais de 100 pessoas cadastradas e reúne em média de 30 a 40 jogadores de botão em disputas de finais de semana', diz Nascente, que esclarece ser a média de idade dos praticantes dessa "mania" entre 20 e 40 anos. O desempregado Júlio César Leiroz é outro aficionado por um joguinho de botão, um hábito adquirido na infância. Ele joga por prazer e só com amigos do peito, mas não obedece as regras das federações do ramo.

**O reconhecimento do**

futebol de mesa como esporte pelo Conselho Nacional de Desportos data de 1988, quando foi admitida a existência de três regras distintas: a baiana (um

toque por botão), a paulista (três toques co-



le ti vos com chute

após o passe) e a carioca (três toques por botão e 12 coletivos). Os tipos de botões mais comuns são de galarite, acrílico, plástico, osso e de casca de coco.

No futebol de mesa quem manda é o dono do time. Esse jogo começou a ser difundido na Europa, na década de 20, mas há quem garanta que sua origem é mais antiga e imprecisa. No Rio de Janeiro, na década de 40, surgiram no país os botões de vidro de relógio, celulósido, osso e casca de coco. Antes disso, o botão não era praticado em superfícies lisas, mas sobre cobertores. Os primeiros jogadores eram botões de casacos e blusas que, acionados aos pulos, caíam dentro de uma lata. Vencia o "jogo de pulgas", como era chamado, quem fizesse mais "cestas". 

## A nostalgia prevalece e todos voltam à infância

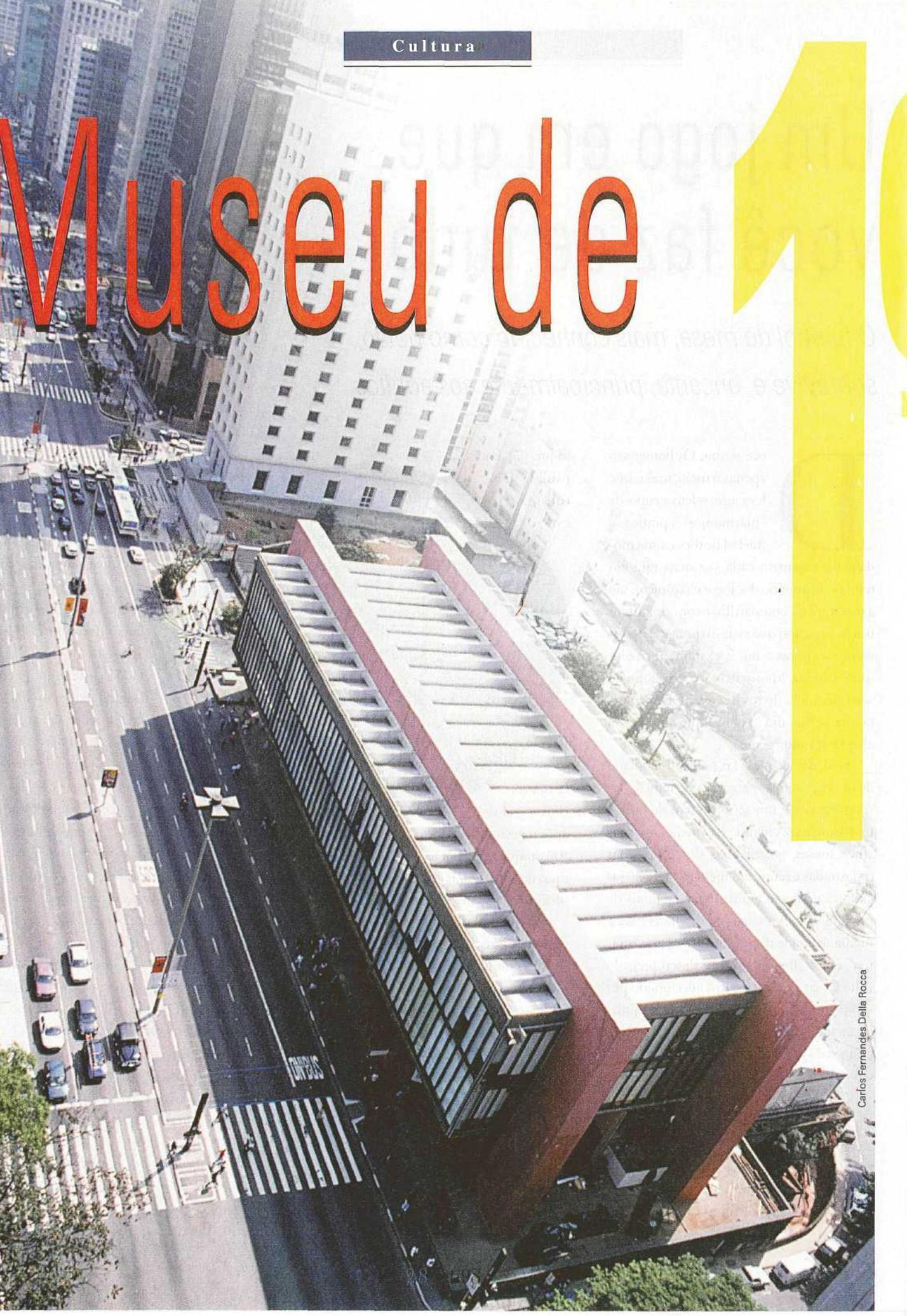
Peteca, bola de gude, jogo de botão. É grande a lista de práticas esportivas não divulgadas pela mídia no Brasil. E a idade não é empecilho para os adeptos de esportes pouco conhecidos. Não por saudosismo, mas ignorando preconceitos e desafiando o tempo, um número elevado de adultos tem como hábito a prática de jogos e passatempos tidos como infantis.

Muitas vezes, o que é visto como divertimento natural de crianças se transforma num oportuno meio de suprimir o estresse do dia-a-dia agitado de quem mora em conglomerados urbanos.

O futebol de mesa e análogos como bola de gude são atividades que desenvolvem as habilidades manuais, a coordenação motora e o instinto de competição entre seus simpatizantes. Só que tradicionalmente o jogo de botão é um esporte praticado, em sua maioria, por pessoas do sexo masculino. As regras e os tipos usados de botão foram estabelecidas por homens.

No Brasil as primeiras regras desse esporte foram organizadas pelo carioca Geraldo Décourt, em 1930. Na época, os botões eram extraídos das roupas, ganhando posteriormente a companhia das tampas de frascos de cosméticos, pomadas e garrafas. As bolas passaram a ser confeccionadas a mão décadas depois, via papel de embrulho de chocolate, cortiça ou de madeira. Daí foi um pulo para que esse jogo se tornasse corriqueiro no país.

# Museu de



# o mundo

*O Masp abriga obras de Rembrandt, Van Gogh, Monet, Renoir e outros grandes gênios*

**A**venida Paulista, na metrópole de São Paulo, continua ocupando o privilégio de ser o coração administrativo e financeiro do Brasil. Lá se decide o destino do país, embora o poder central tenha assento em Brasília. Pois é justamente em meio ao concreto dos edifícios-sedes das maiores instituições financeiras brasileiras e à pirâmide da poderosíssima Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de SP) que funciona, em um edifício de quatro andares, construídos de cimento e vidro, desde sete de novembro de 1968, o Museu de Arte de São Paulo (Masp) cujo prédio foi inaugurado pela rainha Elizabeth II.

A fundação do Masp é anterior ao final da década de 60. Na verdade, o museu foi criado em dois de outubro de 1947 pelo jornalista Assis Chateaubriand (proprietário dos Diários e Emissoras Associados, na época a maior rede de comunicações do Brasil) e pelo professor Pietro Maria Bardi (marchand e crítico de arte na Itália, recém-chegado ao Brasil). Como resultado de

uma aventura, o sonho de criar no Brasil um museu com uma coleção de arte europeia e brasileira seguiu diversas etapas antes de se tornar realidade.

A primeira sede do Masp esteve situada à rua Sete de Abril 230. Foi a partir desse suporte físico que o museu passou a oferecer a seus frequentadores, através do então Instituto de Arte Contemporânea, cursos acerca da história da arte e de suas questões culturais nas mais diferentes

áreas: gravura, desenho, pintura, tecelagem, fotografia, desenho industrial, propaganda, cinema, dança, rádio, música, teatro, artes gráficas etc.

Paralelamente aos cursos, o acervo do Masp foi adquirido em leilões, coleções particulares e galerias. A crise pós-Segunda

Guerra Mundial que reinava na Europa foi propícia para a aquisição de obras valiosas, vendidas a preços baixos. A partir de 1956 o mercado de obras de arte na Europa e nos EUA se fechou em sete copas, o que dificultou a compra de novas peças. O passo seguinte foi adquirir um espaço definitivo para o museu, cujo

Assis  
Chateaubriand  
concretizou o  
seu sonho



## Exposição de Dalí abrangue a diversidade da sua obra

Talento prodigioso como pintor, escultor, gravurista e designer, o espanhol Salvador Dalí (1904-1989) pertence àquela categoria rara dos que reúnem os atributos tanto da criatividade multifacetada quanto de um rigor científico único, transgressor e visionário. Ele era dono de uma técnica ímpar para expressar sua arte.

Uma pequena mostra das obras desse ícone do surrealismo ficou no Museu de Arte de São Paulo (Masp), de oito a 23 de agosto, numa exposição que incluiu desde telas e esculturas em formatos monumentais até objetos, quadros, desenhos e fotos que retratam o cotidiano de um mundo impregnado de imagens provocativas e alucinadas.

A exposição "Salvador Dalí", com curadoria-geral de Robert Descharnes (amigo e colaborador do artista espanhol por cerca de 40 anos), ofereceu ao público brasileiro a dimensão da personalidade polêmica de Dalí não apenas como pintor, mas como cenógrafo, gravurista, desenhista e escultor. A mostra do Masp teve o cuidado de destacar a figura de Gala, mulher, musa inspiradora e força motriz do trabalho desse artista catalão.

Foram expostas no Masp vedetes como 13 peças da coleção Moser, do Museu Salvador Dalí de São Petersburgo, Flórida (EUA), e o famoso óleo sobre madeira "Le spectre de Vermeer de Delft pouvant être utilisé comme table". Outras obras-primas são "Madona de Port Lligat" (um dos trabalhos de Dalí mais reproduzidos no mundo), o painel cenográfico "Bacanal", a escultura "Rinocerante" e o bronze "Cristo de São João da Cruz".

terreno da avenida Paulista fora doado pela Prefeitura de São Paulo, com a condição de que a vista do centro da cidade nunca ficasse escondida. Assim surgiu um edifício que se tornou único no mundo: dois andares de subsolo e dois andares acima do nível da Paulista e uma grande praça entre eles, concebido pela arquiteta modernista italiana Lina Bo Bardi. "Um local que fosse capaz de recolher arte antiga ou moderna, indiferentemente", disse à época Chateaubriand.

**Cinquentenário** No ano passado, o Masp completou 50 anos de existência. Seu acervo chega perto de mil obras. A coleção do museu abrange relíquias da arte italiana, arte francesa e a escola de Paris, arte da península Ibérica, do centro e do norte da Europa e arte do Brasil. Da escola italiana pode-se apreciar obras de Rafael, Andrea Mantegna, Botticelli e Bellini ou de pintores como Rembrandt, Frans Hals, Cranach ou Memling. Entre os espanhóis estão Velazquez e Goya.

A maior parte do núcleo de arte europeia é de origem francesa, com ênfase para os pintores impressionistas. Encontram-se ali obras de Renoir, Manet, Monet, Cézanne e Degas, bem como os quatro retratos das filhas de Luiz XV (pintados por Nattier) ou as alegorias das quatro estações de Delacroix. Marc a presença ainda dois monstros sagrados do movimento pós-impressionista, como Van Gogh e Toulouse-Lautrec. Um dos destaques do acervo, porém,

é a coleção completa de esculturas de Edgar Degas. Trata-se de obras de bronze, feitas em uma tiragem de 73 peças e que só podem ser vistas em dois outros museus além do Masp: o Metropolitan de New York e o Museu D'Orsay, em Paris. É fato que o Masp foi concebido para ser um local dinâmico, com perfil de centro cultural. Tanto que possui mais de nove espaços diferenciados para a realização de exposições temporárias. Promove e abriga entre 30 e 50 exposições temporárias por ano. Foram tantas de 1947 para cá que o público brasileiro se acostumou a apreciar o trabalho de artistas de primeira linha como Michelangelo Buonarroti (que divide - com Leonardo da Vinci - o título de gênio da renascença italiana), Claude Monet, Pablo Picasso, Caravaggio (responsável, junto com Shakespeare e Miguel de Cervantes, pela introdução do "personagem" no cenário cultural dos séculos XVI e XVII), Salvador Dalí e o brasileiro Candido Portinari. Cursos,

palestras e seminários são aliados à programação das exposições temporárias, visando fornecer ao visitante a possibilidade de se aprofundar em temas variados.

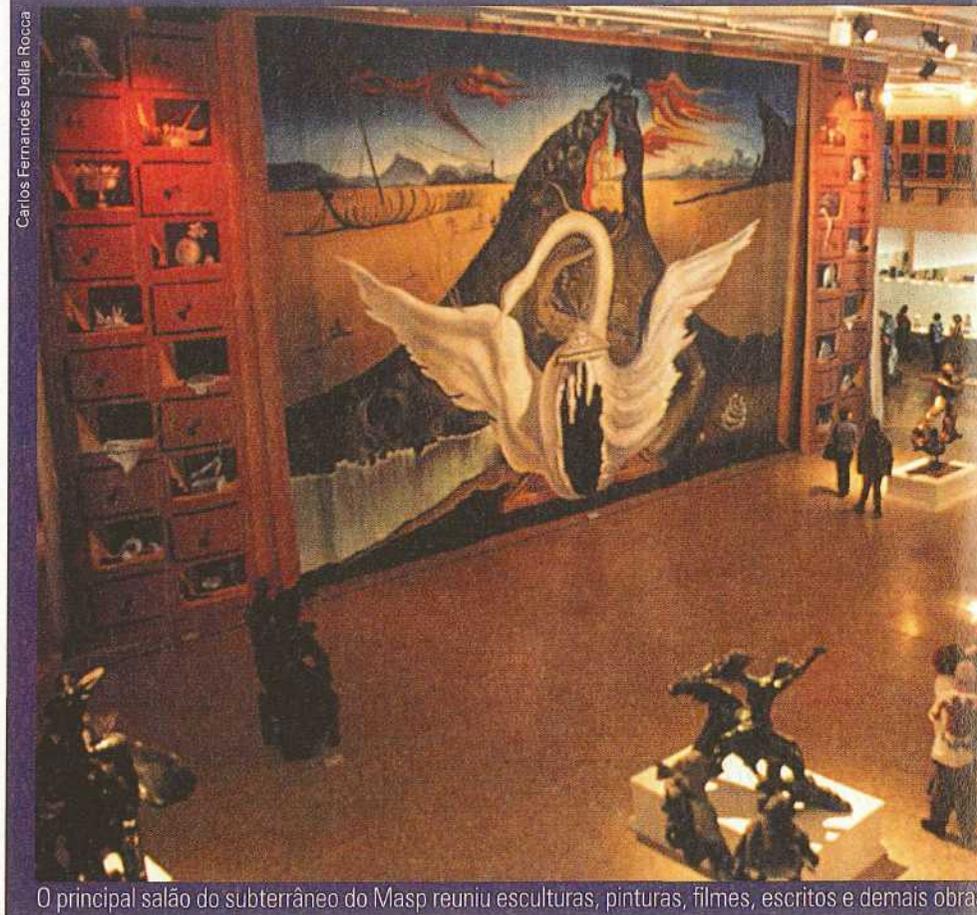
O Masp também reúne música e cinema. Os dois auditórios projetados por Lina Bo Bardi servem como locais múltiplos para essas atividades, abrigando desde os amantes da música clássica até os apreciadores de filmes de curta-metragem.

O Masp reúne  
ainda música,  
cinema, cursos  
e biblioteca



**Arte** Segundo Luiz Hossaka, um de seus curadores-chefes, o Masp vem adquirindo o hábito de oferecer cursos de história da arte em nível de pós-graduação. Uma meta: retomar a função educadora que o museu exercia em seus primeiros anos de existência.

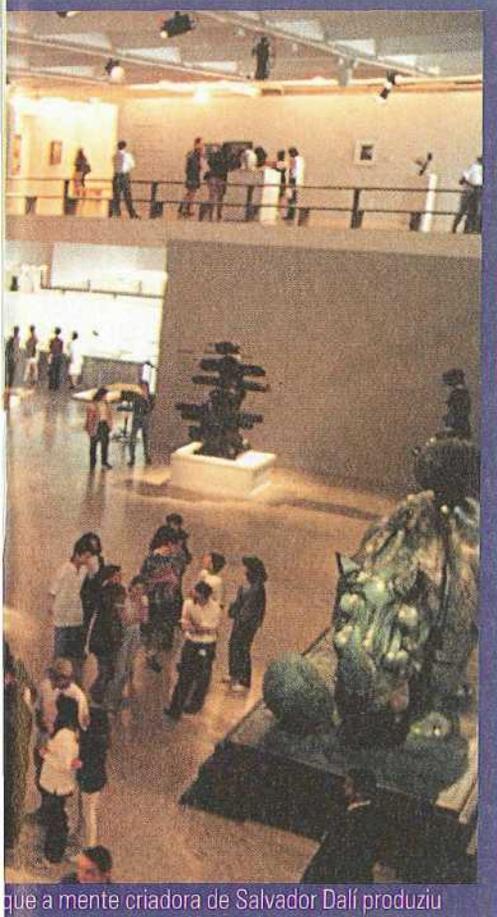
Grupos de escolas de 1º e 2º grau também visitam todos os anos o museu, representando cerca de 30% do número total de visitantes. A biblioteca do Masp, com seus mais de 25 mil volumes, tem se constituído em verdadeiro centro de



O principal salão do subterrâneo do Masp reuniu esculturas, pinturas, filmes, escritos e demais obras



Carlos Fernandes Della Rocca



que a mente criadora de Salvador Dalí produziu

# Um lugar de apoio à arte e à cultura

*O curador-chefe do Masp revela a política do museu e suas diversas iniciativas artísticas*

Meca das artes plásticas brasileiras, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) tem perseguido com sucesso desde quando foi fundado, em 1947, a tradição de apoiar e incentivar a arte e a cultura em todas as suas dimensões.

Visitá-lo, por exemplo, seja em que época do ano for, constitui uma autêntica maratona. O museu tem hoje o maior acervo histórico da América do Sul, avaliado em torno de US\$ 100 milhões, reunindo preciosidades como um quadro de Van Gogh, seis de Modigliani e um auto-retrato do pintor holandês Rembrandt.

Na primeira quinzena de agosto, o curador-chefe do Masp, Luiz Hossaka, manteve um bate-papo com a revista **FENAE AGORA**. Alguns trechos da entrevista estão reproduzidos nesta página.

**FA** - Em que consiste hoje a política cultural do Masp?

**Hossaka** - A política cultural do Masp, definida em seus estatutos, consiste em apoiar e incentivar a arte e a cultura em todas as suas dimensões. De modo particular, a arte brasileira. A atuação do Masp não se resume a exposições de artes plásticas. O museu atua também nos campos da música, dança para todas as faixas etárias (clássica e moderna), cinema, fotografia, publicidade. Uma

de suas preocupações é divulgar as obras de artistas brasileiros, de artistas estrangeiros residentes no Brasil ou ainda de estrangeiros, permitindo assim que se divulgue as artes plásticas num âmbito mais internacional, dando possibilidade a que o público brasileiro tenha acesso à produção da criatividade humana.

O Masp possui uma área de 2.100 m<sup>2</sup> para abrigar toda a sua coleção de obras de arte.

**FA** - De que maneira o Masp se mantém?

**Hossaka** - O museu é privado e seus recursos vêm, em sua maioria, da iniciativa privada.

**FA** - Como o Masp faz intercâmbios com museus de outras partes do mundo?

**Hossaka** - Isto é muito comum. Em seus 51 anos de existência, o Masp sempre manteve intercâmbios com museus de outras partes do mundo, não só de informações, mas de empréstimos de cromos para livros e obras de arte para exposições. França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Bélgica, Japão, Espanha, Suíça e Estados Unidos são os países com que o Masp mais intercambia informações e peças de obras de arte. Há sempre uma grande reciprocidade.

documentação da história das artes plásticas contemporâneas. Saíram de seu acervo as pesquisas para exposições como "retrospectiva de Antônio Bandeira" e para livros como "Chatô - o rei do Brasil", do jornalista Fernando Morais.

Atualmente, o Masp está em processo acelerado de revitalização. Hossaka diz que para isso o museu deverá passar em breve por uma série de obras arquitetônicas, como por exemplo a troca do piso, do ar-condicionado e ainda a construção de um terceiro subsolo para atividades técnicas e melhor armazenamento da coleção.

Tais como os conceituados museus do mundo, o Masp elabora sua agenda de atividades com pelo menos três anos de antecedência. Tamanho profissionalismo recebe o apoio dos incentivos fiscais, seja no plano federal, estadual ou municipal. A coisa é feita nos seguintes termos, de acordo com Hossaka: "Com um bom projeto em mãos, saímos à cata de patrocinadores. Só que esta é uma tarefa difícil, pois apenas agora está se criando no Brasil essa mentalidade de patrocínio". 

# As novas caras do protesto

■ **Tárik de Souza**

**A** truculência da ditadura não intimidou a MPB. Ao contrário, como escreveu o poeta Paulo César Pinheiro na parceria com Maurício Tapajós, "Pesadelo", "você corta um verso / eu escrevo outro / você me prende vivo / eu escapo morto". Tanto a dupla (autora do hit da volta do exílio, "Tô voltando") quanto Geraldo Vandré ("Disparada", "Caminhando", "Arueira"), Chico Buarque ("Apesar de você", "Cálice", "Acorda amor", "Construção"), Gonzaguinha ("Comportamento geral", "Poise, seu Zé", "Erva rasteira") e mais Taiguara (um dos recordistas em músicas censuradas) Sirlan (autor de "Viva Zapátria", que teve o disco de estréia inteiramente vetado) e inúmeros outros, num amplo espectro que cobre de Ivan Lins e Vitor Martins a Raul Seixas e Paulo Coelho, de alguma forma bateram de frente com o regime militar. Os indicadores econômicos e sociais do país não melhoraram nos últimos anos (pelo contrário), mas do mesmo modo que a opressão tornou-se mais sutil, a canção de protesto adquiriu novos contornos.

Sambista com largo trânsito nos morros e periferia carioca, o pernambucano Bezerra da Silva antecipou-se aos manos americanos do gangsta rap com seu sambandido, que expunha o outro lado da guerra contra a delinquência. Gravando compositores desconhecidos, alguns protegidos da caçada policial por pseudônimos, Bezerra exibiu a saga dos deserdados dos inúmeros planos econômicos ("Sonho de operário", "É o bicho, é o bicho", "Violência gera violência"), além de abordar

a questão das drogas pelo ângulo da marginalidade ("Malandragem dá um tempo", "Maloca o flagrante"). Garoto zona sul, que na gíria da favela seria chamado de playboy, Gabriel O Pensador tomou a defesa dos oprimidos a partir do explosivo "Tô feliz (matei o presidente)", em que encenava a execução do ex-presidente Fernando Collor, cuja cabeça decapitada era usada como bola de futebol. Gabriel sempre alternou uma corrosiva crítica de costumes ("Lôraburra", "Retraio de um playboy") com cutucadas no sistema como as recentes "Sem saúde", "Bala perdida", "Dança do desempregado" e "Brazucá", lançada numa das inúmeras coletâneas da Copa do Mundo, em que ele contrapõe a glória do craque da pelota com o irmão desempregado. Personagem comum na favela, Zé Batalha acaba na ponta de um tiro enquanto o mano marca o gol da vitória.

Também mesclando paródia e humor com dardos contra as injustiças sociais, o grupo estreante Farofa Carioca, tripulado entre outros por Gabriel Moura, sobrinho do maestro Paulo Moura, em "Moro no Brasil" enumera logo o beabá da questão: "miséria e fome derrotam nossa nação / pra completar, violência ao cidadão". Enfiando vinhetas, desde o "Guarani" de Carlos Gomes, à abertura do finado Repórter Esso ou à reclamação contundente de uma usuária de trens, o Farofa, que mistura com naturalidade samba e funkj radiografa "A lei da bala", exalta os pivetes vendedores de miudezas ("Menino da Central") e fustiga o racismo ("a carne mais barata no mercado/ea carne negra") na

faixa "Acame", aberta por uma piadinha racista do lendário programa radiofônico "Piadas do Manduca", de Renato Murce.

Mas em matéria de contundência - e coerência - nada se compara aos Racionais MCs, que utilizam o rap como reportagem da marginalidade da periferia paulista. Lançados pelo selo independente Zimbabwe, eles abriram firma própria, a Cosa Nostra. Na contramão do sistemão, conseguiram vender 500 mil cópias de seu último disco, "Sobrevivendo no inferno". Recusando-se a aparecer nos programas de maior audiência da TV ou endossar o esquema de jabá de boa parte das rádios, o grupo chegou incólume ao primeiro plano. Tributam apenas Jorge Ben Jorna regravação de Jorge da Capadócia, influência também nítida de "São Gonça", do CD do Farofa Carioca. Afinal, Benjor, antigo Jorge Ben, fundou a conexão afrobrasileira com o rhythm & blues americano, e profetizou a nova marginalidade em seu épico "Charles, anjo 45". Mesmo eventualmente teatralizando situações ("Tô ouvindo alguém me chamando", "Diário de um detento", que virou um clipe com valor de curta-metragem sobre o sistema carcerário), os Racionais conjugam com talento, arte & indignação ("Gênesis", "Periferia é periferia" e "Capítulo 4, versículo 3"). O Brasil seria melhor se eles não tivessem razão em sua ira santa.

■ Tárik de Souza,  
jornalista 



# Um recanto com gosto de Mel

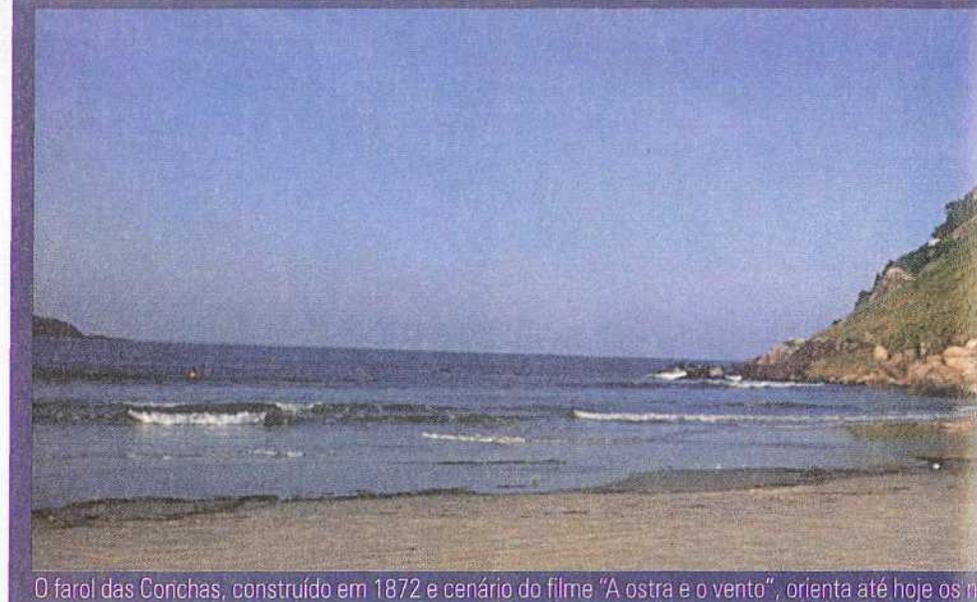
## Badalação e tranquilidade agora estão protegidas

O guia de turismo Grey Xavier já não pode contar nos dedos quantas vezes foi à ilha do Mel. Mas não perdeu as contas. Apesar de morar em Porto Alegre, já esteve nada menos que 68 vezes na ilha do litoral paranaense.

"Para a moçada, o principal atrativo são as festas características da ilha. Em dezembro, mês preferido pelo pessoal que faz excursão, todo o final de semana tem festa nos bares à beira da praia", conta ele. Xavier também é fã das caminhadas nas trilhas. Ele é agente de turismo da Estação Trip Brasil, que costuma levar estudantes gaúchos para a ilha mais famosa do Paraná.

Segundo Pedro Eugênio Leite, empregado da Caixa Econômica Federal e presidente do Sindicato dos Bancários de Curitiba e Região, o controle de entrada está garantindo a proteção de "um dos pontos mais bonitos do litoral paranaense". Ele lembra dos tempos, não muito remotos, em que a ilha superlotava no carnaval, provocando poluição e outros problemas. "O controle já é um grande avanço e parte dessa nova visão que começa a se ter sobre a natureza e seu aproveitamento", acrescenta.

O sindicalista prefere freqüentar a ilha nas épocas em que não há risco de lotação excessiva. "Do final de novembro até a metade de dezembro não há tanto movimento e as muriçocas já sumiram", diz ele. Para quem gosta de badalação, o melhor período são os meses de janeiro e fevereiro. Em qualquer desses meses o turista, de quebra, ainda escapa do frio paranaense.



O farol das Conchas, construído em 1872 e cenário do filme "A ostra e o vento", orienta até hoje os n

### Turismo

# Lendas e trilhas de uma bela ilha

*O mais belo recanto do litoral paranaense encanta os visitantes com suas praias e construções históricas*

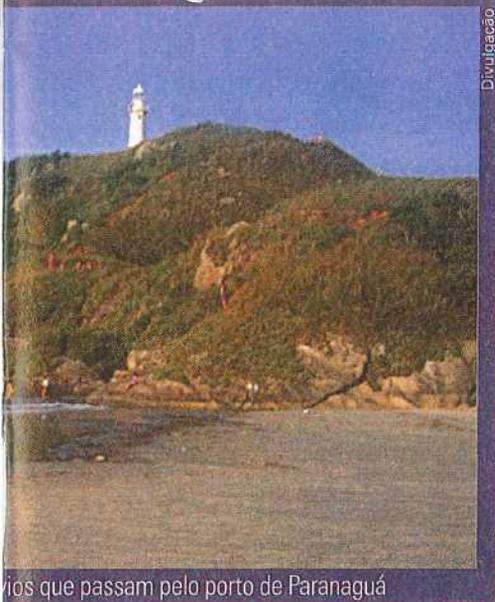
Muito antes de se tornar um dos pontos mais procurados do litoral sul do Brasil, a ilha do Mel já era famosa por lendas sobre sereias que encantavam e faziam desaparecer marinheiros de passagem para o porto de Paranaguá. Das sedutoras com rabo de peixe não há vestígio, mas o visitante que desembarca na ilha paranaense é assaltado, de imediato, por encantamento semelhante ao que levava marujos ao fundo do mar.

A pequena extensão, 27 quilômetros quadrados, não impede a sucessão de belas praias, trilhas e atrações históricas.

Os banhistas podem escolher entre as praias Grande, do Miguel, de Fora, Prainha, do Forte e do Farol - a maior, com quatro quilômetros de extensão. Algumas delas são extremamente tranquilas. Outras produzem ondas de até dois metros de altura. Todas são praias de areias brancas.

Para chegar de uma a outra, há a opção de andar por trilhas como o caminho do Belo e o da Figueira. Já quem gosta de mistério pode conhecer a gruta das Encantadas, criada pelo movimento das marés. A partir dela surgiram as lendas das sereias.

Por sua posição, a ilha orienta nave-



ios que passam pelo porto de Paranaguá

gadores e também já foi ponto estratégico. Mas até estas características viraram atração. Uma delas é o farol das Conchas, com 18 metros, inaugurado em 1872 e em funcionamento até hoje. No farol Walter Lima Júnior gravou "A ostra e o vento", filme com Lima Duarte. Já a fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, de 1770, virou centro de educação ambiental.

A preservação desses monumentos e da natureza mantêm a ilha praticamente igual há 200 anos. Só mesmo a presença do homem alterou a paisagem. Não tanto pelos povoados dos pescadores, mas pelo incentivo ao turismo.

## Mudanças

A ilha atrai cada vez mais pessoas por unir a beleza pouco explorada a facilidades de balneário. Pousadas, transporte regular e fornecimento de energia elétrica mudaram, inclusive, o perfil dos frequentadores. Os hippies dos anos 70 e 80 gradualmente cedem espaço a adolescentes e outros típicos turistas da civilização. Para acompanhar a transformação, várias benfeitorias vêm sendo implantadas, incluindo até um minishoping.

Grande parte da preservação pode

ser creditada exatamente à falta de infra-estrutura - até para desembarcar era preciso andar 100 metros com água na cintura. Além do fluxo de turistas já sido bem menor, a maior parte deles era de mochileiros e malucos em geral, menos preocupados com conforto e mais com o ambiente do que os atuais frequentadores.

Até o final da década passada, não havia transporte regular e a eletricidade, produzida por gerador, era cortada entre as duas e as 10 horas da manhã. Hoje, existe um trapiche, para descer na ilha sem molhar os pés, e a promessa para breve de energia vinda em cabos submarinos.

A gravação de "A ostra e o vento", no entanto, juntou os dois lados em protestos - contudo, pouco entusiásticos - contra a descaracterização da ilha. A produção construiu uma escada de acesso às localidades principais, modificando o morro do farol. Por essas e outras, os já saudosistas temem com razão que o charme da ilha vá por água abaixo.

Agora, o fluxo fez com que o governo do Paraná limitasse a lotação máxima para cinco mil turistas, número definido após estudos ambientais e de capacidade de infra-estrutura. A medida é parte de um plano de gestão conjunto do governo estadual e Ministério do Meio Ambiente. Além do controle de entrada, as propriedades serão regularizadas, inclusive para evitar a proliferação de pousadas, bares e restaurantes ao mesmo tempo em que garante o ecoturismo.

Medidas importantes para proteger a ilha, que tem 95% de sua área compostos por ecossistemas de restinga, mangue e floresta Atlântica - por isso, em 82, o território recebeu o título de estação

ecológica, que somente não abrange os povoados. Mas destina o resto da ilha a pesquisas e educação preservacionista.

Com 22 quilômetros quadrados, a estação não é o único título da ilha do Mel. A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) transformou este paraíso ecológico em reserva da biosfera, juntamente com toda a serra do Mar no Paraná, por considerá-los um dos ecossistemas mais raros e bem preservados do planeta.

Mas existe a ameaça de um estranho processo erosivo. Em formato semelhante a um "8", a ilha começou a dividir-se há alguns anos. Quando cheia, a maré praticamente separa a ilha do Mel exatamente onde a largura é menor. Nem sempre foi assim. Dez anos atrás, havia até casas e árvores no trecho, destruídas pela água.

Geólogos têm saído do continente para estudar a erosão. Até agora, não foi encontrada uma definição sobre a causa do problema.

Uma das hipóteses que chegou a se cogitar, porém nunca comprovada, cita que a dragagem de um canal que leva ao porto

de Paranaguá teria acelerado a erosão. O canal da Galheta costuma ser assoreado - obstruído por areia -, evitando que navios de grande porte cheguem com segurança ao porto. A retirada da areia, segundo a hipótese, teria aumentado a violência da maré.

Sem se preocupar com esse problema, os turistas comparam a ilha ao Nordeste, pelo clima e astral. Para comprovar, basta visitá-la no verão, junto com as milhares de pessoas que ficam perto de estourar o limite imposto para a sobrevivência da estação ecológica. 

O avanço da  
maré ameaça  
dividir a ilha  
em duas

FA





Panorama desolador que pode ser reaproveitado e gerar recursos para os municípios

to da necessidade de São Paulo. Isto porque a média mensal havia sido de apenas 45 toneladas em 93 e 75 no ano seguinte. Já em 95, pulou para 4,9 mil toneladas no ano, ou 375 por mês.

Aliado à isso, a prefeitura ainda teve que enfrentar a "terceirização branca" no serviço. Enquanto a média paga às empreiteiras era de R\$ 33,00 por tonelada recolhida, muitas contratavam caminhoneiros independentes para fazer o mesmo trabalho por R\$ 10,00. "Tem alguma coisa errada nisso", declarou à época o diretor do Departamento de Limpeza Urbana (Limpurb), Carlos Alberto Venturelli.

## Usinas

Em Belém, praticamente não há reciclagem de entulho. Estimativas do setor de construção civil do Pará mostram que 15% do material usado em edificações são desperdiçados. Hoje, os dejetos são levados para um aterro na periferia.

O mesmo acontece em Salvador. Contra isso, a companhia de limpeza da

capital baiana, também chamada Limpurb, está implantando projeto para reaproveitar as cerca de 1.300 toneladas de entulho produzidas diariamente na cidade. Das 614 mil toneladas de lixo recolhidas no primeiro semestre deste ano, 247 mil eram entulho.

O lixo da  
construção  
civil cresce  
cada vez mais



O projeto está na fase da preparação de 22 locais. Os pequenos produtores despejarão os resíduos em 17 pequenas áreas. Já os grandes geradores utilizarão cinco locais, implantados em regiões degradadas, de topografia acidentada, pedreiras desativadas ou jazidas de material arenoso.

Além de corrigir a topografia, o material será reaproveitado, na segunda fase do projeto. Até o final do ano, duas usinas de reciclagem serão implantadas.

As usinas estão em estudo também no Distrito Federal. O Serviço de Limpeza Urbana (SLU) considera que o reaproveitamento é a única forma de diminuir a montanha de entulho na capital do país, que cresce três mil toneladas a cada dia. 

# Treinamento, adequação e reciclagem são as saídas

A diminuição do entulho na cidade não será possível apenas com a reciclagem do material. As empresas de construção civil têm papel importante para evitar, antes que aconteçam, as perdas provocadas por elas mesmas. Carlos Luciano Vargas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sugere algumas medidas: "Redução de estoques, reprogramação do recebimento de materiais, treinamento e redimensionamento de equipes de trabalho, diminuição do tempo de espera e das distâncias".

Já o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) avalia que o destino do lixo pode incluir a geração de renda e o respeito ao ambiente. Isso, no entanto, deve ser feito com a inclusão da comunidade na discussão. Em Belo Horizonte essa prática já acontece.

Reciclado, o entulho se presta a diversos usos. Na capital mineira, por exemplo, o material é usado na pavimentação e contenção de encostas. Em Londrina, Paraná, terceira maior cidade da região Sul, uma central transforma diariamente 100 toneladas de entulho em areia e pedregulho. Esse material serve para a fabricação de blocos e canaletas de concreto que, em seguida, são usados na habitação popular. Na Bahia, a intenção da Limpurb é produzir principalmente manilhas e meio-fio.

Uma empresa de Brasília também adotou a reciclagem e obteve bons resultados. A cada nove sacos de cimento utilizados anteriormente, a Via Engenharia passou a usar apenas seis, além de mais dois de massa reciclada.

# Entulhos poluem grandes cidades

*Os restos das construções constituem-se em um grave problema para as cidades, representando até 60% de todo o lixo dos principais municípios brasileiros*

**T**ijolos, concreto, cerâmica, canos, aço. Os mesmos materiais que servem para construir casas e edifícios, vias públicas e calçadas, também são responsáveis por um aumento considerável no volume de lixo espalhado pelas cidades. É o entulho, que já responde por até 60% de todo o material descartado nas capitais.

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam), organização não-governamental

de orientação a prefeituras, alerta que "a deposição dos resíduos provenientes da construção civil constitui um grave problema ambiental para os municípios". Até há pouco tempo, o dilema maior das grandes cidades era destinar áreas para deposição desse tipo de lixo. Hoje, está cada vez mais difundida a idéia da reciclagem de entulho.

Problemas com a sobra da construção levaram o município de São Paulo a gastar em 18 meses três vezes mais do que planejava fazer em cinco anos com a coleta. Contrato assinado em 1995 com empreiteiras previa o recolhimento de 780 mil toneladas de terra e entulho até o ano 2000. Pois somente entre julho daquele ano e janeiro de 97 as empresas contabilizaram dois milhões de toneladas.

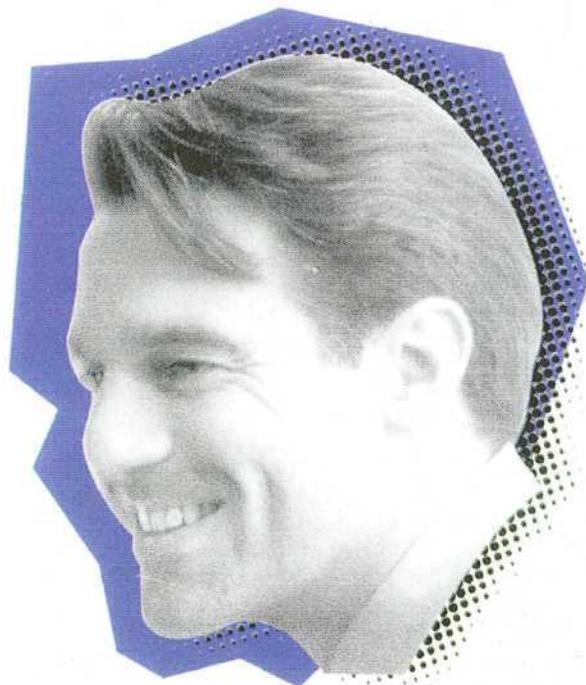
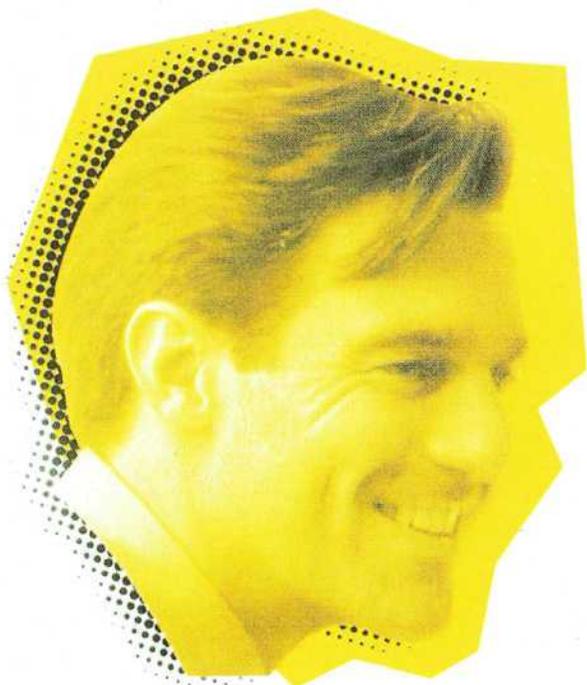
Com isso, os gastos mensais previstos de R\$ 312 mil saltaram para R\$ 2,87 milhões. Não à toa, o município abriu concorrência no início deste ano para remodelar o processo de recolhimento. A medida buscou corrigir o subdimensionamen-



Calma BU!  
Eu fiz isto com  
160 milhões de brasileiros  
e até agora tudo bem.



**E**xistem dois bons motivos para  
você vender os nossos seguros:



**V O C Ê   &   V O C Ê »**

**O seguro  
FENAE dá  
comissões  
para você.**

**A FENAE  
também dá  
benefícios  
para você.**

**Se vocês ainda têm dúvidas,  
foçam o teste do espelho.**

E-Mail: [fenaeseg@pontocom.com.br](mailto:fenaeseg@pontocom.com.br)

SASSE FÁCIL

VIDAZUL

MULTIRISCO

AZULCAR

**FENAE  
SEGUROS**



# FENIA ETUR FENAETUR

**Sua viagem na melhor companhia**

Fenaetur - [fenaetur@fenae.org.br](mailto:fenaetur@fenae.org.br)